

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PRODUÇÃO CULTURAL

TXAI DOS SANTOS COSTA

**ACESSIBILIDADE DE MUSEUS:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE O MUSEU DA VIDA E A CAVALARIÇA**

NITERÓI

2022

TXAI DOS SANTOS COSTA

**ACESSIBILIDADE DE MUSEUS:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE O MUSEU DA VIDA E A CAVALARIÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Produtora Cultural.

Orientadora:

Profa. Dra. Maria Teresa Mattos de Moraes

Niterói, RJ

2022

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA
FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

FICHA CATALOGRÁFICA GERADA EM:

<https://bibliotecas.uff.br/bcg/fichacatalografica/>

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

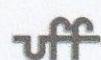
C837a Costa, Txai dos Santos
Acessibilidade em Museus : um estudo de caso sobre o Museu da Vida e a Cavalariça / Txai dos Santos Costa ; Maria Teresa Mattos de Moraes, orientadora. Niterói, 2022.
61 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2022.

1. Acessibilidade. 2. Produção intelectual. I. Mattos de Moraes, Maria Teresa, orientadora. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDD -

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368



COORDENAÇÃO DE
PRODUÇÃO CULTURAL



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO
CULTURAL

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao vigésimo nono dia do mês de julho de 2022, às quatorze horas, realizou-se de forma remota (online), excepcionalmente, em conformidade com a Decisão Nº. 100/2020 de 21/05/2020, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Fluminense, a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado “**Acessibilidade em museus: um estudo de caso sobre o Museu da Vida e a Cavalaria**”, apresentado por **Txai dos Santos Costa**, matrícula **618033038**, sob orientação do(a) Prof(a). Dr^a. Maria Teresa Mattos de Moraes.

A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

1º Membro (Orientador(a)/Presidente): Dr^a. Maria Teresa Mattos de Moraes

2º Membro: Dr^a. Deborah Rebello Lima

3º Membro: Dr^a Flávia Lages de Castrto

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

Aprovado

Reprovado

Com nota final após arguição:

9,5 (nove e meio)

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:

Presidente da Banca

TXAI DOS SANTOS COSTA

ACESSIBILIDADE EM MUSEUS:

Um estudo de caso sobre o Museu da Vida e a Cavalaria

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Produtora Cultural.

Aprovado em __/__/____, com nota (), pela banca examinadora.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Teresa Mattos de Moraes – Orientadora
UFF

Profa. Dra. Deborah Rebello Lima – Membro Convidado
UFF

Profa. Dra. Flávia Lages de Castro – Membro Convidado
UFF

AGRADECIMENTOS

Primeiramente eu gostaria de agradecer aos Orixás, que me deram forças nos momentos de dificuldade em que eu pensei em desistir. Sem essa fé que me guia não conseguiria chegar nem na metade de onde cheguei.

Agradecer também a minha mãe, que esteve sempre ao meu lado me apoiando. Sempre me incentivou a ir atrás dos meus sonhos e nunca deixou de acreditar em mim. Sou grata pelos momentos de acalento em que mais precisava.

Ao meu irmão, que foi o grande propulsor dessa pesquisa. É por sua causa que todos os dias eu olho para o mundo de uma maneira diferente, pensando sempre em como você poderia ser incluído nos lugares, é por querer te dar voz que eu escrevo essa monografia. É por querer sanar todas as dificuldades que você não consegue verbalizar que eu indago as estruturas nas quais vivemos hoje.

Gostaria de agradecer também a todos que fizeram parte da minha jornada pela UFF, professores que me inspiraram e colegas que dividiram momentos dentro e fora da sala de aula.

Agradeço também as professoras Flávia Lages de Castro e Deborah Rebello Lima, por aceitarem fazer parte da banca examinadora com seus comentários e avaliações.

Por fim, agradecer a minha orientadora, Maria Teresa, por não desistir de ser minha orientadora mesmo depois de tantos altos e baixos, obrigada por ter tido paciência e continuar comigo durante todo esse trajeto.

RESUMO

Essa pesquisa trata sobre o tema Acessibilidade em Museus, a partir de uma análise sobre o Museu da Vida, localizado dentro da Fundação Oswaldo Cruz na cidade do Rio de Janeiro e mais especificamente sua exposição “Vida e saúde: relações (in)visíveis” que fica situada no prédio da Cavalariça. Um dos objetivos deste estudo é ressaltar a importância da acessibilidade em espaços culturais, sobretudo museus, visando a inclusão de pessoas com deficiência. Sendo assim, a principal questão aqui abordada, é procurar entender se esse espaço é realmente acessível aos seus visitantes. A metodologia utilizada se constitui em um estudo de caso por meio de uma visita técnica, coleta de dados através de entrevista e referencial bibliográfico.

Palavras-Chave: Acessibilidade; Museu da Vida; Cavalariça; Espaços Culturais

ABSTRACT

This research deals with the topic of Accessibility in Museums, from an analysis of the Museum of Life, located inside the Oswaldo Cruz Foundation in the city of Rio de Janeiro and more specifically your exhibition “Life and health: (in)visible relations” that is located on the Cavalariça building. One of the objectives of this study is to highlight the importance of accessibility in cultural spaces, especially in museums, aiming for the inclusion of people with disabilities. Thus, the main issue addressed here is to seek to understand if this space really is accessible to your visitors. The methodology used constitutes a case study through a technical visit, data collection through an interview and theoretical reference.

Key words: Accessibility; Museum of Life; Cavalariça; Cultural Spaces

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Símbolo internacional de acesso.....	18
Figura 2 – Mapa dos espaços do Museu da Vida.....	27
Figura 3 – Acesso principal ao prédio.....	39
Figura 4 – Área interna da cavaleriça.....	41
Figura 5 – Instalação “De que(m) depende a sua saúde”.....	42
Figura 6 – Bancada de conteúdo acessível.....	43
Figura 7 – Vídeo com janela em Libras.....	44
Figura 8 – Mapa tátil.....	46
Figura 9 – Conteúdo acessível.....	47
Figura 10 – Objetos táteis.....	48

SUMÁRIO

Introdução	11
1 Compreendendo a acessibilidade	14
2 O Museu da Vida	22
2.1 A história do Museu da Vida.....	25
2.2 O espaço.....	27
2.3 Organização e Gestão	29
2.4 Comunicação	30
2.5 Público	31
2.6 Educativo	32
2.7 Acessibilidade no Museu da Vida.....	33
3 A acessibilidade na exposição “Vida e saúde: relações (in)visíveis” no prédio da Cavalaria do Museu da Vida	36
3.1 Acessibilidade na exposição	38
3.2 Acessibilidade para pessoas com deficiência física ou mobilidade reduzida 38	
3.3 Acessibilidade para pessoas com deficiência auditiva	42
3.4 Acessibilidade para pessoas com deficiência visual	45
3.5 Acessibilidade para pessoas com deficiência intelectual	49
Considerações Finais	51
Referencias	53
Apêndice A	55

Introdução

Este trabalho pretende apresentar uma proposta de estudo de caso sobre o conceito de acessibilidade em museus, por meio de um estudo de caso específico sobre a Cavalariça, espaço do Museu da Vida, com o intuito de entender o que já é, e o que mais pode ser feito na questão de acessibilidade para pessoas com deficiência. Buscando a democratização dos meios culturais.

O Museu da Vida é um museu de ciência que teve suas portas abertas em 1999, dentro da Fundação Oswaldo Cruz. A Fiocruz é uma instituição federal de pesquisa e desenvolvimento em ciências biológicas responsável pela fabricação de vacinas e controle de medicamentos, por exemplo. A Fiocruz foi criada em 1900 com a intenção de criar soros e vacinas para a peste bubônica, e tinha o nome de Instituto Soroterápico Federal e tinha como diretor o sanitarista Oswaldo Cruz.

Oswaldo Cruz foi um médico, epidemiologista, bacteriologista e sanitarista brasileiro conhecido por implementar uma reforma sanitária no país ao tentar enfrentar a peste bubônica, febre amarela e malária. Após o reconhecimento internacional pelos seus feitos no enfrentamento das doenças, o Instituto recebe o nome de Instituto Oswaldo Cruz.

Dentro da Fiocruz foi construído, entre 1904 e 1905, um prédio chamado Cavalariça, que foi projetado especialmente para abrigar os animais utilizados na produção de soros e vacinas. Passou a fazer parte do circuito de exposições do Museu da Vida desde a abertura do museu em 1999 até 2012, quando entrou em obras para sua restauração. Por se tratar de uma construção antiga e que teve grande significado para o desenvolvimento sanitário do Brasil, a escolha desse prédio se deve também por ele fazer parte do circuito de visitação do Museu da Vida da Fiocruz. Este trabalho tem como hipótese a premissa de que o prédio e a exposição analisados não correspondem plenamente às necessidades deste público específico, previstas em normas e leis vigentes.

A escolha deste tema para o trabalho se dá pelo convívio durante toda a minha vida com pessoas com deficiência e de por muitas vezes questionar se

essas pessoas conseguem ocupar os mesmos espaços que ocupo. Questionamento esse que se intensificou quando estagiei no Museu da Vida durante o período de 2019 a 2021 e indaguei se todos poderiam aproveitar a experiência que o museu tem a oferecer. A primeira barreira que impedia uma experiência confortável que eu conseguia enxergar era a física, já que o museu é dividido em diversos espaços em lugares distintos dentro da Fiocruz, mas com o passar do tempo foi possível perceber outras barreiras.

É possível identificar que esforços já foram feitos para que a acessibilidade em espaços culturais fosse implementada, porém ainda identificamos um baixo índice de pessoas com deficiência que frequentam esses espaços. No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE¹), 24% da população, ou seja, quase 46 milhões de brasileiros possuem algum grau de dificuldade em enxergar, ouvir, caminhar ou subir escadas ou possuem deficiência intelectual (Censo 2010). Deve ser considerado também, o envelhecimento da população, que aumenta o índice deste público específico.

Visto isso, o ponto principal desta pesquisa se constitui da seguinte forma: como a Cavalariça está inserida em relação à acessibilidade, a fim de consiga atender todos seus visitantes. O atual estudo se justifica, então, pela importância da acessibilidade em museus, através de um estudo específico sobre o Museu da Vida e a Cavalariça, sob a ótica de implementações de ações e políticas públicas.

O principal objetivo deste trabalho é expressar a importância que os visitantes e espaços culturais não sejam vistos como um cidadão deficiente. Mas sim reconhecer que essa deficiência está nos espaços que não oferecem infra estruturas adequadas para que todos tenham autonomia. Outro objetivo é propor algumas considerações sobre acessibilidade além da física.

Levando em conta que o estudo aqui apresentado é sobre um objeto concreto, a exposição “Vida e saúde: relações (in)visíveis” da prédio da Cavalariça, procura-se desenvolver uma análise de conteúdos bibliográficos, de dados oficiais publicados pelo museu sobre seu público e suas estruturas e leis e normas referentes aos direitos das pessoas com deficiência. Foram

¹ O IBGE é um instituto público de administração federal brasileira com atribuições ligadas às geociências e estatísticas sociais, demográficas e econômicas.

utilizadas as seguintes fontes de levantamento: referências bibliográficas, artigos especializados, normas e leis vigentes.

Foi realizada também uma entrevista com Ana Costadella, funcionária do Museu da Vida a fim de que ela pudesse esclarecer questões e relatar sobre questões mais internas do museu envolvendo acessibilidade. A entrevista foi de grande importância para esse trabalho, quando serviu de fonte para relatar questões e informações que não foram achadas durante a pesquisa.

O primeiro capítulo do trabalho se configura pela discussão inicial sobre acessibilidade e de que maneira ela se encaixa no contexto social; uma exposição sobre as normas e leis vigentes; e uma reflexão sobre outros tipos de acessibilidade além da arquitetônica.

No segundo capítulo, apresenta-se o museu como espaço de memória e uma análise sobre o Museu da vida, passando pela sua história e suas estruturas.

O terceiro capítulo se constitui sobre um breve histórico da Cavalaria e sua importância e apresenta uma análise das barreiras encontradas. É feito o uso de algumas fotografias, as quais foram tiradas pela autora, a fim de ilustrar a descrição das mesmas.

Esta monografia contém também uma conclusão sobre a pesquisa feita refletindo sobre a acessibilidade e a forma que ela pode ser abordada. Além de um apêndice com a íntegra da entrevista realizada.

1 Compreendendo a acessibilidade

Neste capítulo, decorreremos brevemente sobre algumas considerações sobre o tema da acessibilidade para que haja uma melhor compreensão e contextualização do nosso objeto de estudo.

Acessibilidade se compreende como a possibilidade de acesso a qualquer espaço, cultura ou informação por todas as pessoas, independentemente delas terem ou não algum tipo de deficiência. Além disso, é uma forma de dispor e pensar em ambientes para que sejam de fácil acesso e fluxo para todos, apesar de limitações físicas ou sensoriais. Segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), em sua Norma Técnica 9050:2020 (NBR 9050) que é a Norma Brasileira de Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos, acessibilidade é a “possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para utilização com segurança e autonomia de edificações espaço, mobiliário, equipamento urbano e elementos”². Isto significa que qualquer espaço se torna acessível quando se é permitido que ele fosse alcançado, vivenciado e utilizado por qualquer pessoa, viabilizando a acessibilidade física, intelectual, atitudinal e cognitiva.

A deficiência é compreendida conceitualmente através de modelos, que foram se adaptando e sustentando através das necessidades das pessoas com deficiência e pelo modelo sociopolítico e econômico. O primeiro modelo reconhecido é o Modelo Médico, que identifica a deficiência como um fenômeno biológico, se sustentando nas características individuais de ordem clínica existentes na pessoa, desconsiderando qualquer interferência de fatores externos, o que acaba rotulando as pessoas com deficiência como inaptas, ignorando as estruturas sociais que realmente as impedem de participar na sociedade. Já o Modelo Social, que surgiu em 1980, como uma reação ao modelo médico, ele entende que é a sociedade que deve se adaptar e transformar para garantir o acesso e permanência de todos reconhecendo a diferença como característica inerentemente humana e na compreensão da

² ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos*. Rio de Janeiro. 2004.

deficiência como fenômeno social. Como demonstra a Laiz da Silva em *Acessibilidade em Museus e Espaços Culturais: estudo técnico sobre a edificação histórica que irá abrigar a fundação Hansen Bahia, na cidade de Cachoeira – BA* (2010):

Desse ponto de vista, a deficiência não é tratada como incapacidade ou falta de habilidade, nem é objeto final que se deseja conquistar. O foco dos programas e ações desenvolvidas no âmbito desse problema está na situação de dependência do sujeito frente os demais. O problema está no entorno e é nele que acontece o processo de reabilitação. É no social que, muitas vezes, se produz ou se desenvolve a situação de dependência da pessoa com deficiência frente às demais. (SILVA, 20120, p.42)

Hoje em dia o conceito usado sobre deficiência foi trazido pela Organização das Nações Unidas (ONU) na Convenção de Direitos das Pessoas com Deficiência em 2007 e ratificado no Brasil em 2009 como Emenda Constitucional e foi estabelecido que “pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas”³. Isto explica que ter uma deficiência não é uma doença, e sim uma característica e que as dificuldades que o indivíduo tem de participação na sociedade existem por obstáculos e falta de recursos do meio em que ele vive.

A deficiência deveria ser compreendida não como uma condição biológica e estática das pessoas, e sim da falha da sociedade em garantir que todos seus cidadãos tenham plena possibilidade de viver de forma independentemente. A deficiência está no local, sociedade e Estado, a partir do momento que uma pessoa com deficiência tem dificuldade de exercer suas atividades básicas, significa que ela não foi considerada na hora de tomadas de decisões, que não foi pensado em como uma pessoa com necessidades diferentes das outras iria exercer seus direitos primários.

O termo considerado correto atualmente é pessoa com deficiência, deixando claro que pessoa vem antes de qualquer característica que ela tenha.

³ BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. *Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)*, Brasília, DF, jul 2015.

Determinando um termo foi possível assim parar de usar eufemismos ao se referir a uma pessoa com deficiência, além de empoderar e deixar de camuflar ou esconder deficiências para mostrar com mais realidade suas vivências, e ainda acabar de vez com o termo “portadora” já que uma pessoa pode apenas portar algo de maneira deliberada.

As deficiências são categorizadas pela Classificação Internacional de Funcionalidade (CIF), que é uma ferramenta da Organização Mundial da Saúde (OMS) e que tem como objetivo proporcionar uma linguagem unificada e padronizada como um sistema de descrição da saúde e de estados relacionados à saúde. Esta categorização leva em conta que a deficiência e as barreiras sociais do indivíduo devem ser consideradas com igual importância para terem sua classificação, isto é, considerada pessoa com deficiência o indivíduo que possui algum tipo de limitação física (membros superiores, inferiores, paralisias cerebrais, em parte do corpo e deficiência de crescimento), intelectual (síndromes e déficits devido a acidente ou má formação) e sensorial (visual e auditiva) em diferentes gradações que podem variar de comprometimentos leves, médios graves e até a perda total da capacidade.

Ainda segundo a ONU 80% das pessoas com deficiência residem em países em desenvolvimento⁴, e segundo o censo de 2010⁵ do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Brasil esse número passa dos 45 milhões de pessoas.

No Brasil já existe uma lei, sancionada em 2015, A Lei Brasileira de Inclusão (LBI) número 13.146/15, que garante a acessibilidade em espaços culturais por pessoas com deficiência, legitimando que qualquer pessoa pode ter acesso à cultura e a geração dela. Segundo Isaura Botelho (2001) para que haja a geração de cultura as pessoas precisam interagir entre elas possibilitando que diferentes pontos de vista e experiências sejam

⁴ VICE-CHEFE da ONU alerta para diferença entre compromissos e realidade no tratamento de pessoas com deficiência. *ONU News*. Brasil, 8 de dez. de 2019. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/12/1697221>. Acesso em: 17 de out de 2020.

⁵ PESSOAS com Deficiência. *IBGE Educa Jovens*. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/20551-pessoas-com-deficiencia.html>. Acesso em: 17 de out de 2020

compartilhados, excluir pessoas com deficiência desta interação é limitar e empobrecer uma cultura que pode ser ainda mais rica e proporcionar uma maior diversidade de olhares.

a cultura se produz através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir, constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas. Desta forma, cada indivíduo ergue à sua volta, e em função de determinações de tipo diverso, pequenos mundos de sentido que lhe permitem uma relativa estabilidade. Desse modo, a cultura fornece aos indivíduos aquilo que é chamado por Michel de Certeau, de "equilíbrios simbólicos, contratos de compatibilidade e compromissos mais ou menos temporários". (BOTELHO, 2001, p. 74)

O que permite essa geração e inserção na cultura são também os espaços culturais, mas eles nem sempre proporcionam a acessibilidade para que sejam realmente utilizados por todos. Como o objeto de estudo desse trabalho é um museu, iremos analisar quais medidas tornam um museu acessível.

Para possibilitar a acessibilidade em um espaço, no âmbito arquitetônico, utiliza-se a NBR 9050:2020. É importante ressaltar, que essas medidas devem, preferencialmente, ser tomadas quando o projeto arquitetônico está em construção, porém, adaptar edificações segundo essas normas é também essencial. A NBR cria suas normas primeiramente entendendo as proporções humanas, reconhecendo indivíduos em diversas formas, nas suas dificuldades de mobilidade e os espaços que necessitam para seu deslocamento. Entendendo essas proporções, começa a se pensar nas áreas de circulação, transferência e manobra. A área de circulação é o espaço que um indivíduo precisa pra se deslocar com segurança e conforto em um ambiente. A área de transferência é o espaço que uma pessoa necessita para se transferir de um apoio a outro. E a área de manobra é um espaço que garante que as pessoas possam se movimentar com facilidade sem nenhum obstáculo, por exemplo, fazendo uma rotação de 90°. Estabelece também medidas necessárias para que o indivíduo tenha o alcance manual, visual e auditivo de objetos.

A NBR 9050:2020 também determina como a sinalização de espaços deve ser feita, a fim de que todos possam ser informados se há elementos de acessibilidade naquele local. Define padrões de contrastes e formas, para que seja um símbolo de fácil reconhecimento e visualização. Como por exemplo, o símbolo internacional de acesso, que é representado por um pictograma branco em um fundo azul, porém, ele pode ser representado de outras maneiras determinadas como na figura 1.

Figura 1 – Símbolo internacional de acesso



Fonte: Norma Técnica ABNT NBR 9050:2020, 5.3.2, p.41.

A LBI garante também uso do desenho universal em projetos de meio físico, de transporte, de comunicação e informação, Silva (2010) o define da seguinte forma:

O conceito de Desenho Universal está relacionado à concepção de espaços, artefatos e produtos que visam atender simultaneamente a todas as pessoas, na sua máxima abrangência possível. Passando a considerar não só os projetos, mas principalmente a diversidade humana, o emprego deste novo recurso busca respeitar as diferenças existentes entre as pessoas e garantir a acessibilidade de todos. (SILVA, 2010, p.16)

O desenho universal garante assim a simplificação da circulação e utilização dos espaços, pensando em facilitar ações cotidianas, permitindo assim ser usado por qualquer um, independentemente de suas dificuldades, sejam elas motoras, sensoriais ou intelectuais.

Em espaços culturais, especialmente museus, as adaptações arquitetônicas muitas vezes se deparam com a história na qual esses edifícios geralmente estão inseridos. Se esse espaço for uma construção histórica, pode ser que ele seja tombado, isso significa que o poder público reconheceu o valor que ele tem para a história e a importância da sua preservação, o que por

muitas vezes impede que alterações arquitetônicas sejam feitas. Porém, a LBI no Artigo 42, inciso 2º diz:

O poder público deve adotar soluções destinadas à eliminação, à redução ou à superação de barreiras para a promoção do acesso a todo patrimônio cultural, observadas as normas de acessibilidade, ambientais e de proteção do patrimônio histórico e artístico nacional.

Isso quer dizer que mesmo um edifício sendo tombado, contanto que ele não sofra uma descaracterização, e esteja de acordo com as normas específicas determinadas para sua salvaguarda, alterações podem e devem ser pensadas e discutidas para facilitar o acesso de todos.

Para além da acessibilidade física, a inclusão e integração social se faz presente para proporcionar uma acessibilidade atitudinal. Para que isso seja alcançado, é necessário que se faça uma mudança sobre as relações, olhares e direitos. Estamos muito acostumados a reconhecer nossos direitos, mas diversas vezes esquecemos os direitos que as outras pessoas têm, ignorando, por exemplo, que pessoas diferentes de nós podem ocupar os mesmo espaços que ocupamos. Quantas vezes não nos pegamos admirando uma história de “superação” de uma pessoa com deficiência, pensando que ela é uma pessoa excepcional por alcançar certos objetivos que outras pessoas alcançam. Porque uma pessoa com deficiência alcançar um objetivo é um feito extraordinário? Pensamos assim porque não reconhecemos aquela pessoa totalmente capaz de ter conquistas tão boas ou quiçá maiores do que as nossas.

Esse é um olhar capacitista, um olhar de que pessoas com deficiência não se adequam a sociedade, um olhar que percebe apenas a deficiência da pessoa. Esse tipo de visão impede que pessoas com deficiência sejam vistas com a igualdade de oportunidade, reafirma a visão de que elas estão distantes da realidade cotidiana e assim não têm os mesmos direitos que o resto da sociedade. O que gera certa indignação, porque assim pessoas com deficiência não poderiam desfrutar das mesmas coisas que as outras ditas “normais”, não poderiam ter o mesmo emprego, o mesmo lazer, o mesmo estilo de vida. Desta forma, Victor di Marco em *Capacitismo: o mito da capacidade* define capacitismo como:

Capacitismo é a opressão e o preconceito contra pessoas que possuem algum tipo de deficiência, o tecido de conceitos que envolve todos que compõem o corpo social. Ele parte da premissa da capacidade, da sujeição dos corpos deficientes em razão dos sem deficiência. Acredita que a corporalidade tange à normalidade, a métrica, já o capacitismo não aceita um corpo que produza algo fora do momento ou que não produza o que creditam como valor. Ele nega a pluralidade dos gestos e de não gestos, sufoca o desejo, mata a vontade e retira, assim, a autonomia dos sujeitos que são lidos como *deficientes*. (MARCO, 2020, p.11)

O primeiro passo para essa inclusão acontecer é reconhecer o próximo como igual, reconhecer que ele tem os mesmos direitos que qualquer um, de usufruir das mesmas coisas. É claro que isso aconteça, pessoas com deficiência precisam estar inseridas nas discussões dessas mudanças. Agir como se elas não fossem capazes de participar dessa mudança é continuar com um olhar limitador, elas precisam ser ouvidas, já que são elas que enfrentam os obstáculos que a sociedade impõe a elas.

Considerando essa reflexão, para a acessibilidade atitudinal em espaços culturais acontecer, primeiramente é necessária a presença de pessoas com deficiência nesses locais, tanto na sua parte organizacional, quanto como público. Pensando assim, já que esse trabalho fala de uma exposição, o que permite que ela seja mais acessível atitudinalmente, são as pessoas que se envolvem com o público, desde as que recebem até as que mediam.

A pesquisadora Camila Alves, em sua dissertação de mestrado *E se experimentarmos mais? Um manual não técnico de acessibilidade em espaços culturais*, introduz a ideia de que a mediação pode se tornar uma ferramenta de acessibilidade, propõe uma “Acessibilidade mais estética ao invés de uma acessibilidade técnica em espaços culturais” (ALVES, 2016, p.3). Traz experiências e sugestões de como acessibilizar a experiência para pessoas com deficiência.

A mediação é uma ferramenta usada por museus para aproximar o público de suas exposições. Parte do pressuposto de que conhecimentos específicos não são propriedade absoluta, entendendo que uma pessoa que detém essa informação pode passá-la para as pessoas que visitam espaços culturais. É assim uma forma de passar informação. Mas como é possível fazer essa transmissão para diferentes tipos de pessoas? Pensar na importância da

construção da mediação em conjunto é uma delas. Essa construção não é apenas de funcionários com e sem deficiência pensando na mediação, mas na construção de mediadores com o público, entendendo e se adaptando a ele.

Proporcionar que diferentes pessoas desfrutem da exposição de qualquer maneira possível, e da maneira possível a elas é um direito também. Pessoas sem deficiência fazem esse desfrute da maneira que elas querem. Por exemplo, algumas passam rápido por uma exposição, outras analisam cada detalhe de uma peça, algumas relacionam com seu dia-a-dia e outras apenas contemplam. Mas como é possível permitir que pessoas que não têm algum ou mais de um sentido desfrutem da maneira que elas quiserem? É pensar para além da exposição, pensar em atividades, em possibilidades. Mas não somente incluir, fazer com que essas perspectivas sejam incluídas totalmente na exposição, que uma pessoa sem deficiência vivencie por aquele ângulo também, que qualquer um que chegue tenha a oportunidade de vivenciar por todos os ângulos.

Viabilizar esse desfrute é assim uma forma de acessibilizar, permitir que barreiras se minimizem é reconhecer o outro como igual, como demonstra Camila Alves (2016):

A mediação envolve vidas. Trabalhamos com minorias atravessadas pelo sofrimento. Seja o sofrimento da perda de algum sentido, da experiência de uma marginalidade social, seja pelo sofrimento por comporem o que chamamos de minorias, de experiências minoritárias. (ALVES, 2016, p.22)

A acessibilidade envolve um conjunto de ações, trabalhar elas individualmente possibilita o acesso, porém não o acesso total. O acesso deve ser desde físico, permitindo que primeiramente qualquer um possa entrar no espaço, até social, promovendo a transformação de atitudes com o próximo.

No capítulo a seguir trataremos algumas considerações sobre o Museu da Vida e suas dinâmicas, para que possamos entender melhor o contexto em que a sua exposição está inserida.

2 O Museu da Vida

Neste capítulo, de viés mais descritivo, abordaremos o Museu da Vida a fim de nos familiarizarmos com o nosso objeto de pesquisa.

Quando as pessoas pensam em museus, costumam pensar em grandes coleções de artes expostas onde pessoas contemplam em silêncio seus significados e detalhes, quase nunca fazendo a relação com a ciência exploratória e a narração de histórias feitas pelos museus. Porém, museus são mais do que receptores de coisas, são reflexões complexas das culturas que os produziram, incluindo suas estruturas sociais, sistemas de pensamento e políticas.

A origem do museu se deu em Alexandria como “templo das musas”, que vem das nove Musas, deusas gregas clássicas da inspiração consideradas “filhas da memória”, e era um local destinado ao saber enciclopédico, estudo das artes e das ciências, lugar onde reflexões e discussões sobre diversos assuntos ocorriam. Durante a Idade Média, as igrejas começaram a fazer esse papel de agrupar manuscritos, estátuas, joias e relíquias sagradas expondo aos fiéis diversos objetos com uma intenção pedagógica e um caráter moral. É nesse período inclusive que a Igreja encomenda diversas obras reconhecidas atualmente como grandes obras-primas. No entanto, o hábito do colecionismo começou a se tornar comum apenas na época moderna.

Durante o período do Renascimento, coleções reais, conhecidas como coleções principescas marcavam a demonstração de requinte e poder econômico, que atuavam como termômetro da rivalidade entre as famílias da nobreza. Outras coleções, altamente heterogêneas, formadas por vestígios da Antiguidade greco-romana e, em seguida, passando a abrigar uma gama variada de objetos que representam curiosidades naturais ou artificiais, ou seja, raridades em geral, muitas trazidas por viajantes de lugares distantes também surgiram nessa época. Eram conhecidas como os “gabinetes de curiosidades e maravilhas”. Contudo, tanto as coleções principescas quanto os gabinetes de curiosidades eram, em sua origem, fechados ao público restritos aos proprietários e pessoas próximas.

Foi no decurso desse período que uma importante família italiana da época, os Médici, conhecidos por financiar e encomendar obras, contrataram o arquiteto e artista Versari que introduziu um novo conceito para museu, como lugar de caráter científico, propondo estudos de estilos e artistas. Entretanto, o museu enquanto instituição pública se deu a partir do Iluminismo, já que graças a pressão da burguesia as coleções principescas e particulares foram sendo abertas para o público. É nesse contexto que, ainda no século XVIII, em 1750, foi criado o Museu de Luxemburgo, que começou a expor muitos quadros das coleções reais e fomentou ainda mais as reivindicações para a criação de um museu no Louvre.

Pouco a pouco, entre os séculos XVIII e XIX foram desaparecendo os Gabinetes de Curiosidades, substituídos por instituições oficiais e coleções privadas. Os objetos mais interessantes dos gabinetes eram mandados para museus de arte e história natural que começavam a ser fundados, na Europa e em várias outras partes do mundo, possibilitando assim o acesso do público a coleções antes privadas e marcando o surgimento dos grandes museus nacionais. Consolidava assim a memória e identidade nacional com a chegada do nacionalismo, esses novos espaços criados precisavam reforçar aspectos étnicos, contribuindo com a identificação das pessoas com a sua nação.

Entende-se assim que o museu como conhecemos hoje em dia começou a nascer no século XIX, e foram adotando outras funções além do colecionismo, como manutenção, restauração e classificação de suas obras, proporcionando também pesquisas. O modelo de museu atual vem dos Estados Unidos, onde museus já nasceram voltados para o público, e a partir desse modelo que novas abordagens de se expor e organizar acervos surgiu, como por exemplo a exposição de animais em imitações de seus habitats naturais, possibilitando que museus demonstrassem ecossistemas inteiros.

Depois de descrever brevemente de como se deu o surgimento de museus, podemos perceber que seu grande objetivo, desde seus primórdios, é a conservação da memória e que com o tempo foram se tornando locais também de pesquisa, procurando dar sentido ao passado. A memória é uma prática humana, é ela que constrói o indivíduo e é nela que sociedades se

baseiam, é uma ferramenta de produção histórica, é ela que auxilia na construção da história de um povo. No texto de Mário Olivindo (2017), é destacada a importância da memória para proporcionar atualização e armazenamento para história, ajudando assim a narrar as ações humanas tanto do presente quanto do passado.

A memória, portanto, é uma das mais importantes características humanas. Está tanto na constituição do indivíduo quanto na base da civilização, de maneira que é possível identificá-la nas lembranças pessoais, na oralidade, nos símbolos, nas comemorações, nos calendários, nos documentos, nos monumentos e etc. Assim, por constituir-se traços do passado é para o historiador uma ferramenta importante para a análise das experiências humanas ao longo do tempo (OLIVINDO 2017 p. 2).

Nos tempos de hoje no Brasil, não há um ministério exclusivamente voltado para a cultura, porém segundo o extinto Ministério da Cultura (MinC), equipamentos culturais “são locais de trocas e de disseminação da cultura e contribuem para democratizar a cultura e para integrar populações, tanto de áreas periféricas como centrais, pois oferecem aos cidadãos acesso a bens e serviços culturais” (MinC, 2013, p.90). Podemos perceber como essa integração com a população e a importância da divulgação da cultura e objetos históricos veio de um processo de construção e preservação da memória, mas se tornou importante também no Brasil para o entendimento da identidade e percepção de diferentes realidades vividas aqui, possibilitando o conhecimento de diferentes culturas de um país tão diversificado, e garante que todos possam ter acesso à elas.

Atualmente existem diferentes tipos de museus, entretanto não há um consenso para classificá-los em uma tipologia definida. O que podemos observar é a forma recorrente como alguns museus se apresentam e então fazer conexões entre eles. Os mais famosos tipos de museus são os de Arte e História. O primeiro traz exclusivamente em seu acervo obras de arte, como esculturas, pinturas e instalações, já o segundo são aqueles que dão maior relevância à história do seu acervo, o tipo de história que ele conta e se cada peça faz sentido em algum contexto histórico.

Um museu de ciência é capaz de trazer tanto a recordação do passado, quanto trazer o que há de mais atual na nossa sociedade. O museu que será analisado se denomina como um museu de ciência, onde estes geralmente têm como princípio ensinar ciência e aproximar a sociedade deste tema muitas vezes distante das nossas realidades.

2.1 A história do Museu da Vida

O Museu da Vida da Fiocruz é um museu de ciências situado dentro da Fundação Oswaldo Cruz em Manguinhos na cidade do Rio de Janeiro, inicialmente como Instituto Soroterápico Federal, a Fiocruz foi inaugurada em maio de 1900 para fabricar soros e vacinas contra a peste bubônica, desde então, a história da fundação se confunde com a trajetória da saúde pública do país. O Instituto foi responsável por erradicar a peste e a febre amarela através do jovem bacteriologista Oswaldo Cruz e em 1908 a instituição passaria a adotar seu nome. Atualmente a fundação tem como objetivo promover a saúde e o desenvolvimento social, gerar e difundir conhecimento científico e tecnológico e ser um agente da cidadania.

O Museu da Vida foi criado com a intenção de aproximar a sociedade tanto da Fundação quanto da ciência em si, trazendo experimentos e debates de formas mais lúdicas para que o público possa imergir nesse mundo. Em 1986, com a preocupação da instituição em preservar sua memória, foi criada a Casa de Oswaldo Cruz (COC), uma unidade técnico-científica, que era agora a responsável por essa preservação e também por ações educativas e de divulgação científica. Nesse contexto surge o Museu da Casa de Oswaldo Cruz, instalado na Cavalariça, um edifício que pertence ao núcleo histórico da Fiocruz, e exibia a história da instituição. Além dessa apresentação, desde sua criação até o início dos anos 90, foram desenvolvidas diversas exposições em diferentes locais do Rio de Janeiro trazendo a ciência em uma perspectiva histórica e cultural.

O Museu da Vida começou a ser planejado no início da década de 90 com o intuito de absorver o conhecimento adquirido de várias atividades produzidas pela Fiocruz nas áreas de preservação patrimonial, desenvolvimento cultural e comunicação e educação científica, assim como

umentar o conhecimento da população sobre questões científicas e tecnológicas, que estão a cada dia se tornando mais presentes na vida cotidiana. Foi assim idealizado para ser um espaço que integrasse ciência, cultura e sociedade, voltada para reflexão da vida como objeto de conhecimento, na saúde como qualidade de vida e na intervenção humana na vida.

As deliberações iniciais para instituir um museu científico ocorreram em 1993 no II Congresso Interno da Fiocruz. A proposta foi consolidada em uma iniciativa que envolvia a Fundação, a Rede de Tecnologia do Rio de Janeiro⁶ e a prefeitura da cidade: a criação do Museu da Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. O museu contaria com três espaços: o Espaço Museu do Universo, ligado ao Planetário do Rio de Janeiro, o Espaço Museu do Mar, ligado ao Museu Naval e o Museu da Vida, situado no campus da Fiocruz. A fusão entre esses três espaços não ocorreu, mas concretizou a criação do Espaço Museu da Vida em 1994. A construção dos seus espaços foi possível através de recursos de captação externa, especialmente do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico/Capes e da Fundação Vitae⁷. Esses recursos e orçamentos internos possibilitaram a realização de um circuito de visitação. Nesse circuito abrangia cinco espaços: o Centro de Recepção, Passado e Presente, Biodescoberta, Ciência em Cena e Parque da Ciência.

O projeto inicial do Museu da Vida seguia as ações já desenvolvidas pela Casa de Oswaldo Cruz e Fiocruz, que pensando na preservação do patrimônio, no desenvolvimento cultural e na educação e divulgação da saúde, produziram diferentes mostras que foram expostas no Museu Histórico Nacional e no Centro Cultural dos Correios nos anos 1990. A exposição “Vida”, mostrava exemplos de mediação humana, museografia e interatividade que o museu pretendia adotar no seu novo espaço, que estava sendo construído. Ficou em cartaz no Centro Cultural dos Correios em 1995 e abordava a questão da vida por diversos ângulos. Foi responsável por formar cerca de 30 educadores e

⁶ A rede de Tecnologia do Rio de Janeiro é uma associação de 53 instituições de fomento, centros de pesquisa e universidades que busca estimular a pesquisa, o desenvolvimento e a implantação de inovações tecnológicas, científicas e culturais,

⁷ A Vitae foi uma associação civil sem fins lucrativos, que apoiava projetos nas áreas de Cultura, Educação e Promoção Social.

serviu de principal inspiração da Biodescoberta, uma exposição que permaneceu durante treze anos no Museu da Vida.

2.2 O espaço

Como já trazido anteriormente, o Museu da Vida fica situado dentro do campus da Fiocruz no bairro Manguinhos, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro.

Figura 2 – Mapa dos espaços do Museu da Vida



Fonte: Plano Museológico Museu da Vida, p.65.

O Museu conta atualmente com nove espaços: o Centro de Recepção, o Castelo Mourisco, a Cavalariça, a Tenda da Ciência, o Epidauro, o Borboletário, o Parque da Ciência, a Pirâmide e a Sala de Exposições Temporárias. É possível ver a disposição desses espaços na Figura 2. O primeiro local, que é onde o público tem o primeiro acesso, é o Centro de Recepção, que foi projetado com a intenção de organizar a visita para que ela não impacte negativamente a rotina de trabalho da fundação. Se assemelha a uma estação de trem para fazer alusão a um passeio pela ciência. Conta com um painel de mosaico projetado pelo artista Glauco Rodrigues que representa personagens ligados a história da saúde e à Fiocruz, uma maquete de todo o campus da Fiocruz em Manguinhos e as comunidades do entorno e esqueletos de mamíferos aquáticos pendurados no teto da estrutura. Além

disso, o Centro de Recepção é o ponto de partida do Trenzinho da Ciência, projetado para levar o visitante num passeio introdutório sobre a história da Fiocruz, da ciência e da saúde no Brasil.

O segundo espaço, o espaço mais procurado por todos, é o Castelo Mourisco, conhecido por esse nome por ter uma arquitetura em estilo neomourisco. É um edifício tombado que levou treze anos para ser construído. Foi projetado pelo arquiteto português Luiz Moraes Júnior para ser a sede da Fiocruz, reunindo a produção de vacinas e remédios, a pesquisa científica e demais atividades ligadas à saúde pública. Hoje em dia além de abrigar parte da seção administrativa da presidência da Fiocruz e do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), abriga a Biblioteca de Obras Raras e possui três salas de exposições que atualmente contam com uma exposição histórica sobre a fundação e vida de Oswaldo Cruz, outra sobre a arquitetura do castelo e a matemática por trás dela e uma exposição entomológica.

O terceiro espaço é a Cavalaria, fica localizada atrás do Castelo Mourisco e foram construídos na mesma época. Foi projetada para abrigar os animais que faziam parte da produção de soros e vacinas. Desde que o museu abriu as portas passou a ser utilizada como um espaço para exposições, foi nela inclusive que a Biodescoberta ficou instalada. Em 2012 entrou em obras para que pudesse ser restaurada e reabriu em 2022 com uma nova exposição, a “Vida e saúde: relações (in)visíveis”. Esse espaço será nosso objeto de estudo então nos aprofundaremos mais sobre ele no terceiro capítulo.

Em outra área do campus da Fiocruz encontramos o Ciência em Cena, que conta com o quarto espaço, a Tenda da Ciência, o local se assemelha a uma tenda de circo por fora, mas por dentro tem toda a estrutura onde é capaz de receber peças teatrais que tratam de temas científicos históricos e da atualidade. O quinto espaço é o Epidauro, que também fica no Ciência em Cena, tem o nome inspirado na cidade da Grécia antiga que até hoje tem seu teatro ao ar livre conservado. Trata de uma instalação subterrânea que conta com um anfiteatro e um Laboratório de Percepção com atividades com conteúdo de física e biologia e suas relações com a cultura.

Ao lado do Ciência em Cena fica o sexto espaço, o Borboletário. Ele é o único da cidade do Rio de Janeiro e conta com espécies de borboletas do continente americano e é ornamentado com plantas. Lá o visitante pode conhecer os primeiros estágios da vida de uma borboleta, conhecer hábitos alimentares e reprodutivos e proporcionar uma integração entre ser humano, biodiversidade e o ambiente.

Em outro lugar do campus fica o sétimo espaço, o Parque da Ciência. Localizado em uma área ao ar livre, foi planejado para tratar sobre energia, comunicação e organização da vida através de equipamentos que permitem observar transformações energéticas, propriedades da língua escrita e sonora e relações entre os mundos macroscópico e microscópico.

O oitavo espaço fica anexado ao Parque e é chamado de Pirâmide, um local fechado que tem esse nome pelo seu formato e conta com uma câmara escura onde se pode entender como funciona o olho humano o replicando em uma escala muito maior e aborda temas como vidas micro e macroscópicas através de experimentos e atividades.

O nono espaço é a Sala de Exposições Temporárias, que permite a presença de exposições idealizadas fora do museu. Só para citarmos um tipo de exposição que o museu abriga, em 2019 estreou a “Rios em movimento” na sala de exposições temporárias. Trouxe a importância da preservação dos corpos hídricos através de treze obras em pintura acrílica sobre tela do artista plástico Rodrigo Andriàn através de cinco módulos, Rio que dá vida, Vida e morte do Rio, Rios que sofrem e vidas que lutam, Rio que vira arte e Cada Rio, uma história, além como aparatos interativos, objetos e instalações artísticas que dialogam com a proposta educativa.

2.3 Organização e Gestão

O Museu da vida é um equipamento público, e sua gestão funciona com uma chefia de departamento, que é organizada em cinco serviços, três núcleos e uma seção, o Serviço de Apoio à Operação, Infraestrutura e Gestão; Serviço de Design e Produtos de Divulgação Científica; Serviço de Educação; Serviço de Itinerância; Serviço de Museologia; Núcleo de Estudos da Divulgação Científica; Núcleo de Estudos de Público e de Avaliação em Museus; Núcleo de

Mídias e Diálogo com o Público; Seção Biblioteca de Educação e Divulgação Científica. Segundo o *Plano Museológico* de 2018, o museu conta com 83 funcionários, entre eles servidores federais e terceirizados, além de 115 estagiários e bolsistas. Não foi possível encontrar no mesmo Plano como se dá a contratação de funcionários terceirizados, nem a quantidade de trabalhadores com deficiência. Porém, segundo informações obtidas através da entrevista com a funcionária Ana Costadella do Museu da Vida, há contratação de pessoas com deficiência nas funções de estagiário, consultor e terceirizado.

O museu não faz cobrança de ingresso, sendo assim, sua principal fonte orçamentária do museu é a União, com os recursos da Lei Orçamentária Anual (LOA), recebendo uma parcela do orçamento repassado à Fundação Oswaldo Cruz pelo Ministério da Saúde, o pagamento da folha de servidores estatutários vem do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. Além disso, utiliza de estratégias de captação de recursos de empresas privadas que permitem a execução de projetos e práticas de inovação específicas, atuando de forma complementar aos recursos da União.

2.4 Comunicação

A comunicação do Museu da Vida é feita através de um Núcleo de Mídias, chamado Numid, ele é o responsável por divulgar suas atividades e programação.

O Numid faz essa divulgação através do seu site oficial, suas redes sociais e newsletters. No site do Museu da Vida é possível conhecer um pouco mais sobre o museu, que é dividido por cinco categorias em suas próprias abas, são elas: visitação, educação, pesquisa, acervo e visitamos voc e. Na aba visitação   possível conhecer os espaços de visitação do museu e obter as informações de como e quando ele pode ser visitado, mas nela não são elucidadas as ações de acessibilidades do museu nem a acessibilidade física dos espaços.

Pelo Site do museu   possível ler as notícias mais recentes relacionadas a ele e também acessar suas outras redes sociais. O site é acessível em

Libras, e através do Avaliador e Simulador de Acessibilidade em Sítios (ASES⁸), o site é 87% acessível.

Nas suas outras redes sociais, como o Instagram, o museu compartilha posts educativos, suas atividades e fala sobre datas comemorativas importantes da atualidade. Pelo Youtube, é compartilhado o conteúdo produzido pelo museu, como lives, podcasts e webséries.

O museu conta ainda com folders onde fala brevemente sobre seus espaços e atividades e traz ainda um mapa, que ajuda na circulação entre seus espaços.

2.5 Público

O Museu da Vida trabalha com visitas agendadas e visitas espontâneas. Nas visitas agendadas há um trabalho de mediação.

Segundo o relatório *Público do Museu da Vida*, entre 1999 e 2013 2.882.967 de pessoas visitaram presencialmente o museu, nas visitas espontâneas o público característico é o feminino e os visitantes mais frequente são os moradores da Zona Norte do Rio de Janeiro, já nas agendadas, 45% são escolas públicas e 43% particulares, com predominância de alunos entre 7 a 15 anos⁹. O público é contabilizado a partir da recepção, onde funcionários contabilizam a quantidade de visitantes e os encaminham para algum espaço, além disso, nos próprios espaços, é feita a contagem de pessoas e por fim essas informações são recolhidas pelo Núcleo de Estudos de Públicos e Avaliação em Museus (NEPAM) que tem como objetivo compreender melhor o público que frequenta o museu.

É positiva essa preocupação do museu em estudar o público que o visita, querendo entender quem frequenta seus espaços, isso faz com que ele se aprimore nas suas relações. Porém, no relatório publicado não existe informações sobre a frequência de pessoas com deficiência, o que seria um

⁸ Ferramenta desenvolvida pelo Governo Federal para avaliar seu código e questões específicas como contraste de cores e tamanhos de fonte.

⁹ MANO, Sônia Maria Figueira; DAMICO, José Sérgio; GOUVEIA, Fabio Castro; GUIMARÃES, Vanessa F. **O Público do Museu da Vida (1999 a 2013)**. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz - Casa de Oswaldo Cruz, 2015. 55 p. Disponível em: <file:///F:/TCC/textos%20museu%20da%20vida/CadernosdoMuseudaVidaOPublicodoMuseudaVida.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2022.

dato primordial que o ajudaria a entender seus mecanismos de acessibilidade e assim poder melhorá-los.

2.6 Educativo

Para cumprir com o papel que a instituição tem como missão, que segundo seu plano museológico é “despertar o interesse e promover o diálogo público em ciência, tecnologia e saúde, e seus processos históricos, visando à promoção da cidadania e à melhoria da qualidade de vida”¹⁰, o Museu desenvolve processos educativos que atendem diferentes públicos como a visitação mediada às exposições, oficinas, sessões de vídeo, debates, esquetes e peças teatrais, contação de histórias, trilhas histórico-ambientais, shows de ciências e eventos. Estando dentro da instituição é possível notar o interesse e preocupação que o museu tem em envolver seus visitantes nas suas atividades, buscando sempre nas mediações, por exemplo, envolver e indagar o público para que ele participe e se sinta pertencente àquele espaço. O educativo busca a inclusão de todos nestas atividades, produzindo materiais táteis e disponibilizando tradutores de Libras.

Além disso, o equipamento faz um trabalho colaborativo com as escolas públicas de Manguinhos e da Maré, que é o território ao redor do campus, com o objetivo de produzir novas relações entre museu-escola. Outra ação educativa são as ações territorializadas, que é toda a atuação do museu dirigida à população dos territórios socialmente vulnerabilizados que o museu está inserido e os demais territórios da cidade do Rio de Janeiro, e são elas atividades, oficinas, atuações em geral de divulgação e popularização da ciência, sempre buscando estimular a cidadania e o engajamento das populações nas questões que as afeta. O museu conta ainda com a produção de materiais educativos como livros com diversos temas, desde ciência e corpo humano para o público infantil a memórias e experiências de atividades realizadas.

Fora as ações educativas, o museu conta com diversos programas de formação, o Programa de Iniciação à Divulgação e Popularização da Ciência

¹⁰ MUSEU DA VIDA. **Plano Museológico Museu da Vida 2017 – 2021**. Rio de Janeiro, 2017.

(Propop) visa preparar estudantes de nível universitário na educação não formal focando no atendimento de diversos públicos através da mediação das exposições temporárias e de longa duração. O Programa de Iniciação à Produção Cultural (Pró-Cultural) é uma dinâmica de educação não formal voltada a jovens estudantes do segundo e terceiro ano do ensino médio de escolas públicas do território onde está inserido o museu e busca estimular a reflexão e a discussão sobre as realidades de seus territórios, seja sobre questões que envolvem a cidadania, ou questões socioambientais e culturais. Conta com outros programas ainda de formação para mediadores, encontros e oficinas temáticas para educadores e professores em formação e seminários de práticas educativas.

Entendendo que a grande maioria da visitação do museu é feita por grupos escolares, o museu compreendeu que promover um encontro de professores ajudaria na sua divulgação. O encontro acontece quando o Museu da Vida reserva um horário de visitação para professores para poder apresentar as atividades propostas nos seus espaços e as possibilidades educativas que podem ser levadas aos alunos.

2.7 Acessibilidade no Museu da Vida

O Museu conta com algumas ações de acessibilidade, uma delas foi implantada pela Fiocruz, mas que acabou afetando os seus espaços, que foi a colocação de piso podotátil. Esse tipo de piso é responsável por direcionar e alertar pessoas com deficiência visual.

Foi criado um Grupo de Trabalho de Acessibilidade em 2014 que passou a ser responsável por desenvolver ações educativas e discutir as ações de acessibilidade que precisam e podem ser implantadas. O GT possibilitou pequenos avanços na instituição, como a implementação de um curso de Libras para seus funcionários e a possibilidade de pensar nas exposições incluindo recursos de acessibilidade desde sua concepção. Segundo nossa entrevistada Ana Costadella:

a exposição da Cavalariça já ser concebida, e antes de ser inaugurada já se pensando em incluir recursos de tecnologia

assistiva, inclusive sendo pensada a altura dos equipamentos que tem interação, já pensando numa altura adequada pra quem é cadeirante, incluir vídeos em libras, texto em braille, então isso já é um avanço, e ela já foi pensada com a inclusão desse itens.(Informação verbal¹¹)

Entende-se, porém que para que essas discussões consigam chegar ao que realmente é necessário para a acessibilização do museu, seria necessário a presença de pessoas com deficiência, já que elas sim podem relatar se tal recurso pode realmente ajudá-la. Todavia, segundo relatos obtidos na entrevista, se faz presente nessas discussões apenas uma pessoa com deficiência visual, o que é um ponto positivo, porém as outras deficiências deveriam também ser contempladas. Segundo a entrevistada Ana Costadella, “No grupo [...] eu sei que tem um consultor cego, que participa né. Não sei qual o envolvimento dele. Agora no Museu da Vida, não participando ativamente (Informação verbal)”.

Ainda segundo Costadella o museu não conta com uma verba específica direcionada para acessibilidade, o que acontece é que a verba que é recebida é administrada pela gestão e esse setor determina como a verba vai ser dividida. Dito isso, a verba separada para as questões de acessibilidade geralmente são voltadas para contratação de tradutor de libras para as atividades produzidas pelo museu. Uma delas são as peças teatrais, que em algumas seções específicas contam com intérpretes de Libras. Segundo Costadella :

E deve ter algum dinheiro, mas ele não vem carimbado, tipo assim, acessibilidade. Do dinheiro que tem, por exemplo, a seção de formação pro educativo, eles deixam uma parte até mesmo pra contratar por exemplo um tradutor né, pra fazer janela de Libras, desse dinheiro eles tiram uma parte pra essas questões, mas ele não vem carimbado, acredito que não venha carimbado. Porque quando vem carimbado você só pode usar pra isso, que eu acho que é a sua questão né. Então acho no caso do museu não, aquele orçamento que vem eles fazem uma divisão entre os setores, entre as seções do museu né, e aí eu sei que sempre deixam. (Informação verbal)

As visitas do museu são feitas com agendamento prévio e durante esse agendamento são feitas uma série de perguntas. Uma delas é se tem pessoas com deficiência no grupo que está agendando e quantas são. Se esse

¹¹ COSTADELLA, Ana. **Entrevista com funcionária do Museu da Vida**. [jul. 2022]. Entrevistador: Txai dos Santos Costa. Maricá, 2022. 1 arquivo .mp3 (32 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia

quantitativo for maior que cinco pessoas, o agendamento é feito pelo próprio GT de acessibilidade. Através desse sistema o museu encontrou uma maneira de se preparar para a visita desse público específico, indicando quais atividades são mais acessíveis e designando funcionários que já estão preparados para recebê-los. Ana Costadella explica:

Eles vão tentar levar pra alguma, por exemplo, uma exposição que tenha, o museu não é cem por cento acessível né, tá longe disso, mas aí vão tentar indicar as atividades, porque cada grupo pode fazer duas atividades no museu, aí vai ser indicada né, as duas atividades mais adequadas para o grupo, e uma pessoa do gt de acessibilidade no dia vai acompanhar o grupo. (Informação verbal)

Um último ponto a ser considerado é a falta de acessibilidade até chegar ao museu. É necessário considerar também como aquele visitante vai chegar até o museu, se todos conseguem chegar sem dificuldades. Entende-se que da porta pra fora as vias públicas não são de sua responsabilidade, mas discussões com o município e o governo devem ser consideradas a fim de pensar em soluções de forma conjunta para a diminuição dessas barreiras.

3 A acessibilidade na exposição “Vida e saúde: relações (in)visíveis” no prédio da Cavalariça do Museu da Vida

Para desenvolver atividades de adequação voltadas à acessibilidade, serão mostradas, por meio do relato de estudo de caso, as ações de acessibilidade tomadas pelo Museu da Vida. Buscaremos neste capítulo apresentar propostas de mudanças e acréscimos que podem ser feitos para a adaptação do edifício e da exposição de forma que ambos fiquem mais acessíveis.

A Cavalariça abriga exposições do Museu da Vida, e foi tombada em 1981 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Nacional (Iphan).

É desde o primeiro conjunto edificado da Fiocruz que a Cavalariça existe. O edifício foi concebido por Oswaldo Cruz e construído entre 1904 e 1905. Assim como o Castelo Mourisco, foi projetada pelo engenheiro-arquiteto português Luiz Moraes Júnior, a pedido de Oswaldo Cruz, após se conhecerem no percurso de trem para Manguinhos. Luiz Moraes Júnior projetou a Cavalariça no estilo eclético, que é marcado pela forte relação com a arquitetura historicista, buscando reviver aspectos de construções históricas. Nesse sentido, um projeto poderia ser uma exata réplica de antigas construções ou misturar diferentes estilos, o que acabava criando uma nova linguagem arquitetônica.

A Cavalariça, cuja a construção é considerada bastante avançada para seu tempo, foi elaborada para abrigar os cavalos que eram utilizados na fabricação e produção de soros contra a peste bubônica. Era lá que todo o procedimento que envolvia os cavalos acontecia, as inspeções e tratamentos veterinários e a extração do sangue do cavalo, que dava origem ao soro. O prédio tinha sistemas modernos de funcionamento para sua época, com princípios de sustentabilidade ambiental, como procedimentos de geração de energia e reaproveitamento de resíduos.

O edifício foi tombado pelo Iphan em 1981 e passou a integrar o Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos (NAHM). Além da Cavalariça, o NAHM é

responsável pelos outros prédios históricos do campus da Fiocruz de Manguinhos, buscando preservar, restaurar e valorizar seus edifícios.

A Cavalariça foi inaugurada como espaço expositivo para o Museu da Vida em 1999 com a exposição interativa Biodescoberta, uma exposição permanente que funcionou até 2012, quando a Cavalariça fechou suas portas para que obras pudessem ser feitas. O Espaço Biodescoberta, como era chamado, era dividido em três setores. O primeiro fazia a introdução da exposição, o segundo abordava o tema biodiversidade, com painéis, jogos, aquários, terrários e insetários. O terceiro setor era dedicado a temas da biologia, como a evolução da espécie humana, reprodução e evolução das espécies. Em 2014 começaram suas reformas de restauração, para recuperação da sua fachada, interior e cobertura, prevendo também acessibilidade e segurança aos visitantes das novas exposições.

Hoje, após suas reformas, o prédio conta com a exposição “Vida e saúde: relações (in)visíveis”, que iremos analisar neste capítulo. A exposição, segundo seu texto expositivo, “convida a pensar sobre os diferentes aspectos da saúde e suas relações com a vida”, proporcionando um diálogo sobre as relações macro e microscópicas da vida.

A exposição é dividida em onze setores, cada um com uma temática diferente. Nove temas ficam em baias na área principal do prédio, os outros dois ficam em outras duas salas. Os temas abordados pela exposição são: O que é saúde para você?; Um mundo além da visão; O olho não vê, a lente não mostra; Quem mora no seu corpo?; Invisíveis e vitais para o seu corpo; De que(m) depende a sua saúde; Onde estão as nossas doenças?; Vacina: proteção para todos; Como vai a saúde da Terra?; Ninguém vive sozinho e O desafio da era dos humanos; História da Cavalariça.

A exposição foi inaugurada em maio de 2022 durante a 20ª Semana Nacional dos Museus.

3.1 Acessibilidade na exposição

Hoje ainda é possível reconhecer diversos obstáculos que impedem o acesso a espaços culturais, seja esse obstáculo físico, arquitetônico, tecnológico, social ou comunicacional, o que dificulta que todos possam aproveitar a exposição de maneira segura. Tornando essencial que todas essas barreiras sejam eliminadas. É vital proporcionar espaços onde todos se sintam incluídos e que seja suscetível a adaptação de qualquer indivíduo.

Estabelecidas pela Lei nº 13.146/15, a NBR 9050 da ABNT é considerada uma solução para eliminação, a redução ou até mesmo a superação das barreiras, com o objetivo de acessibilizar espaços culturais. Essas medidas asseguram assim o acesso, contudo devem estar de acordo com a sua preservação.

Um museu deve ser um local onde todos os visitantes se sintam acolhidos. E o que torna um espaço acolhedor é como sua arquitetura foi pensada, a sua sinalização, a acessibilidade do seu acervo e a atitude dos seus funcionários. Pensando nisso, para análise da acessibilidade da Cavalaria, foram considerados os seguintes elementos: acesso ao prédio, circulação na parte interna e sistema de comunicação e sinalização. Foram utilizados os parâmetros das normas técnicas específicas de acessibilidade da ABNT como a NBR 9050:2020.

A seguir, foi desenvolvida uma análise sobre as ações de acessibilidade encontradas na exposição, e se elas garantem o acesso para pessoas com deficiência física, auditiva, visual e intelectual.

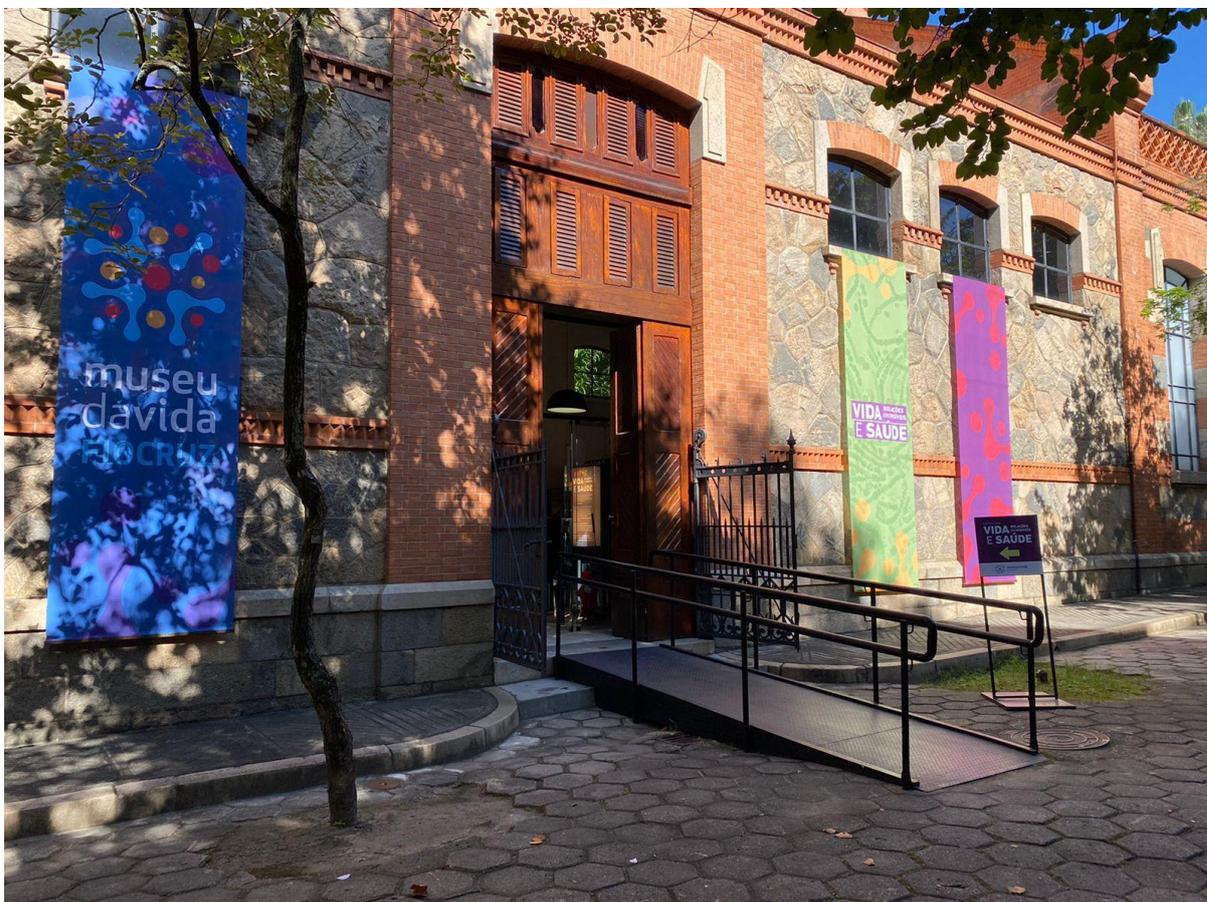
3.2 Acessibilidade para pessoas com deficiência física ou mobilidade reduzida

Ao chegar na Cavalaria, que fica atrás do Castelo Mourisco, o visitante se depara com a sua entrada, que fica na lateral do prédio. O prédio em si, não conta com um estacionamento próprio, mas veículos são permitidos dentro da Fiocruz lá existem vários espaços para estacionamento. É aberta uma exceção

para pessoas que necessitam chegar com o carro mais próximo do edifício por conta de dificuldades de locomoção.

Como dito anteriormente, o Museu da Vida é dividido por espaços dentro do campus da Fiocruz, alguns deles são distantes uns dos outros, o que pode dificultar o deslocamento de pessoas com deficiência física ou de mobilidade reduzida. Mas segundo a entrevista com a Ana, o museu dispõe de um carrinho que faz esse transporte de visitantes que têm dificuldades de locomoção, porém esse carrinho é emprestado, podendo não estar sempre disponível.

Figura 3 - Acesso principal ao prédio



Fonte: Txai dos Santos Costa, 2022

A visita encontrava um desnível elevado, que dificultava o acesso ao prédio de forma autônoma à diversidade de pessoas. Para tornar a entrada acessível à edificação, entrada deve estar completamente livre de obstáculos. Desta forma foi feita assim a instalação de uma plataforma de plano inclinado,

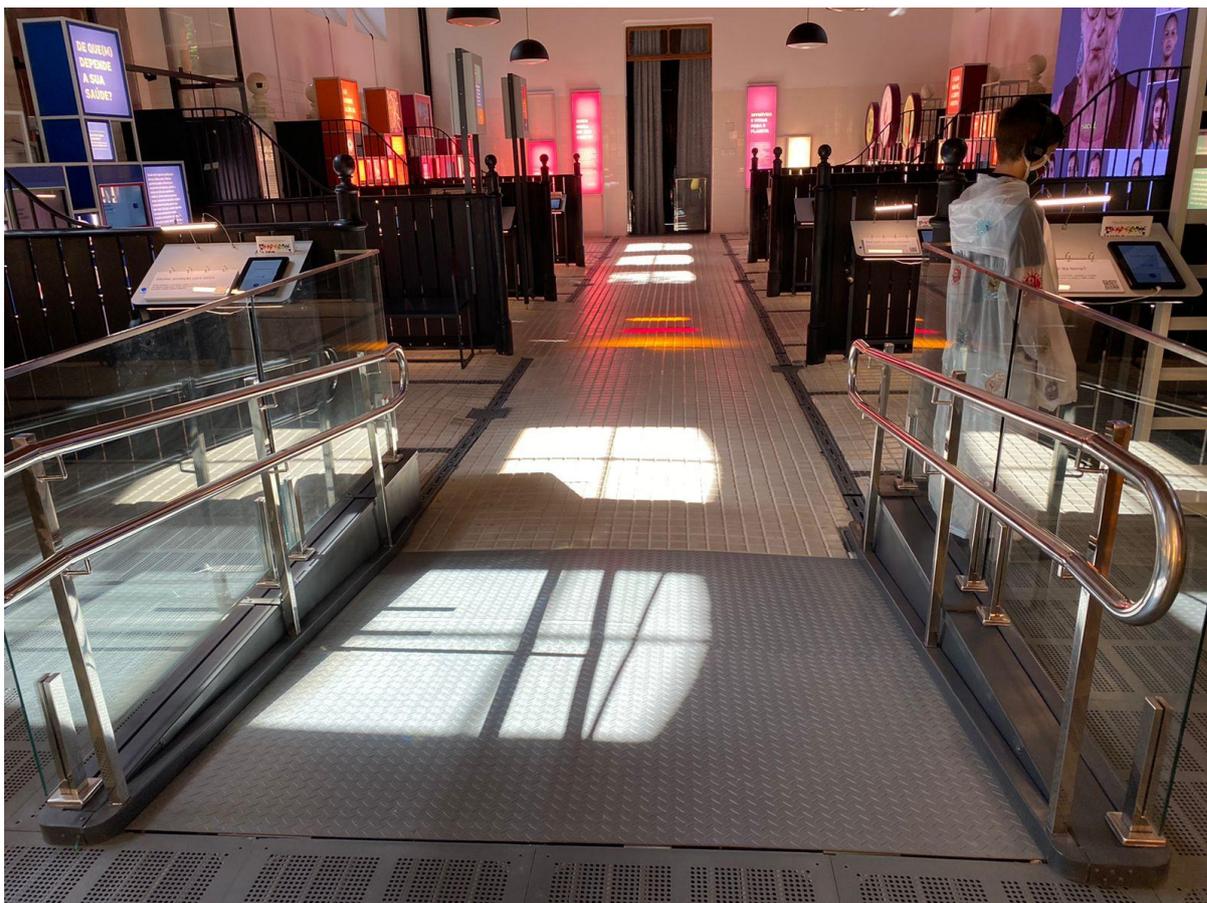
com acesso ao nível da rua, proporcionando uma inclinação suave como demonstra a Figura 2.

Por se tratar de um prédio tombado, houveram muitas discussões de como seriam feitas as reformas de adequação do prédio. E como as obras de manutenção não são responsabilidade do Museu da Vida, acabam ocorrendo impasses, como foi destacado na entrevista dada por Ana Costadella.

Todos os prédios históricos, castelo, a torre do relógio e a cavalaria são de responsabilidade do DPH, Departamento do Patrimônio Histórico, da COC, Casa de Oswaldo Cruz. Então qualquer modificação, qualquer coisa tem que passar por eles né. E aí tem aquela questão que às vezes eles são meio irredutíveis, mas o que falta é avaliar, antes de você negar você em que verificar, ter o consenso de verificar se aquela mudança pode ser. Realmente vão ter algumas mudanças que vão ter um impacto, porque eles precisam preservar as características originais do prédio, então vai ter um impacto. Tem mudanças que não podem ser feitas, mas eu acho que deveria ter uma maior abertura pra discussão, pra avaliar o que pode ser feito pra facilitar. (Informação verbal)

A Cavalaria já era uma construção ampla, por ter sido projetada para abrigar animais de grande porte, o que torna o espaço interno aberto e de fácil deslocamento. Havia um desnível também na parte interna, mas que também foi resolvido com a instalação de uma plataforma de plano inclinado, como demonstra a figura 3.

Figura 4 - Área interna da Cavalaria

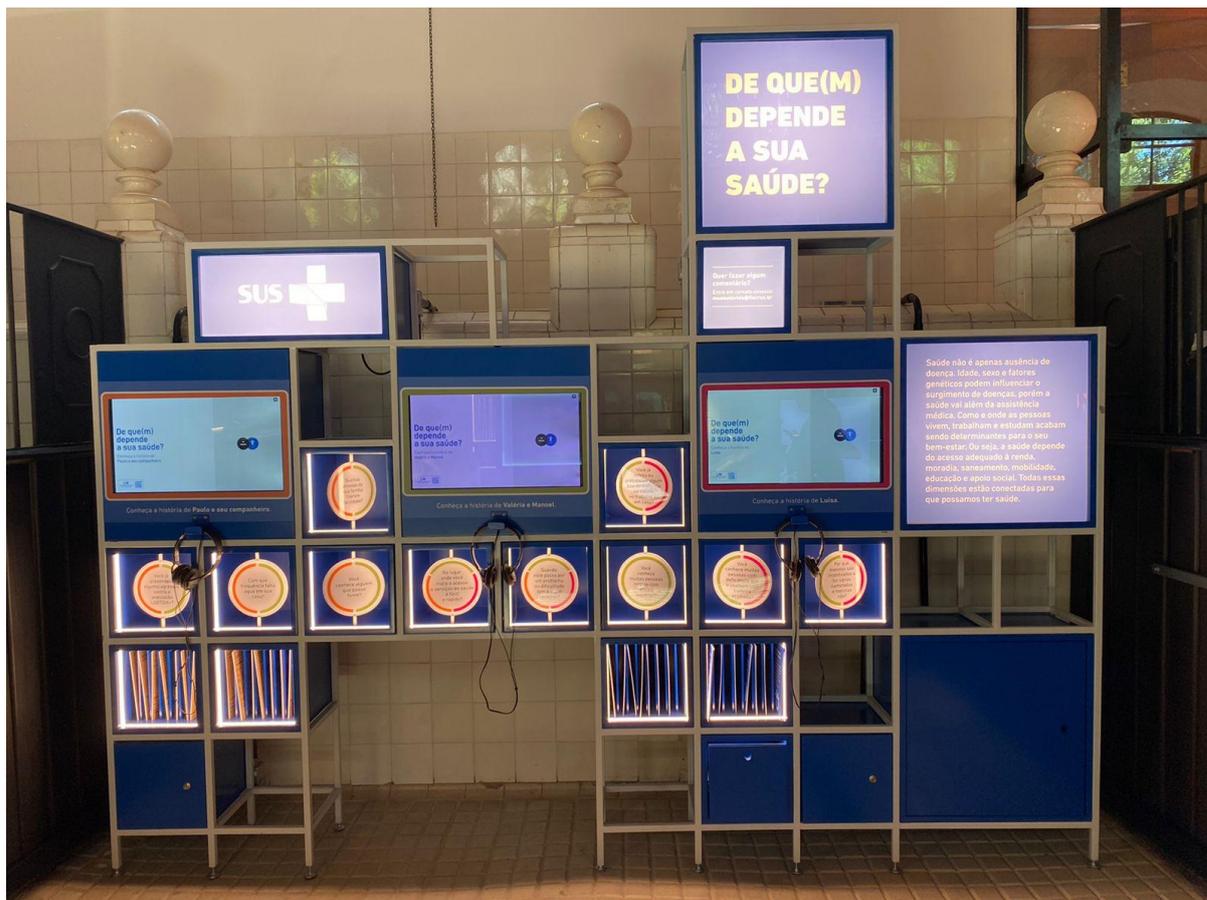


Fonte: Txai dos Santos Costa, 2022

É importante ressaltar que a exposição atual, foi pensada desde o início para ser acessível. A importância dessa informação é entender que projetos estruturados desde o início com a acessibilidade em mente, conseguem executar essas práticas de uma maneira mais completa e planejada. Enquanto projetos que lembram da acessibilidade apenas após finalizado, precisam muitas vezes fazer mudanças significativas para que as práticas sejam adequadas.

Dito isso, a exposição pensou em suas instalações de maneira que todos pudessem desfrutar de suas informações, como, por exemplo, os painéis, que têm espaços para que a cadeira de rodas se encaixe e o indivíduo consiga chegar o mais próximo possível da instalação. Ver figura 4.

Figura 5 - Instalação “De que(m) depende a sua saúde”



Fonte: Txai dos Santos Costa, 2022

3.3 Acessibilidade para pessoas com deficiência auditiva

Uma pessoa com deficiência auditiva não tem, salvo exceções, dificuldades na sua mobilidade física. Porém, o que surge de barreira para essas pessoas é na aquisição e interpretação de informação. Muitas pessoas surdas fazem o uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras), que por muitas vezes, é comparada com a língua brasileira. Mas é importante salientar que são duas línguas distintas, a Libras possui os seus próprios parâmetros e regras. Pessoas surdas têm geralmente a Libras como língua materna, aprendendo posteriormente a língua portuguesa para desenvolver a escrita.

Sendo assim, é importante ressaltar a importância da tradução e explicação em Libras em exposições, possibilitando que uma pessoa surda tenha a total compreensão do seu conteúdo. Na exposição “Vida e saúde: relações (in)visíveis”, foram colocadas bancadas em cada baia e módulo com

tablets que exibem o seu conteúdo em Libras. As bancadas são como da figura 5.

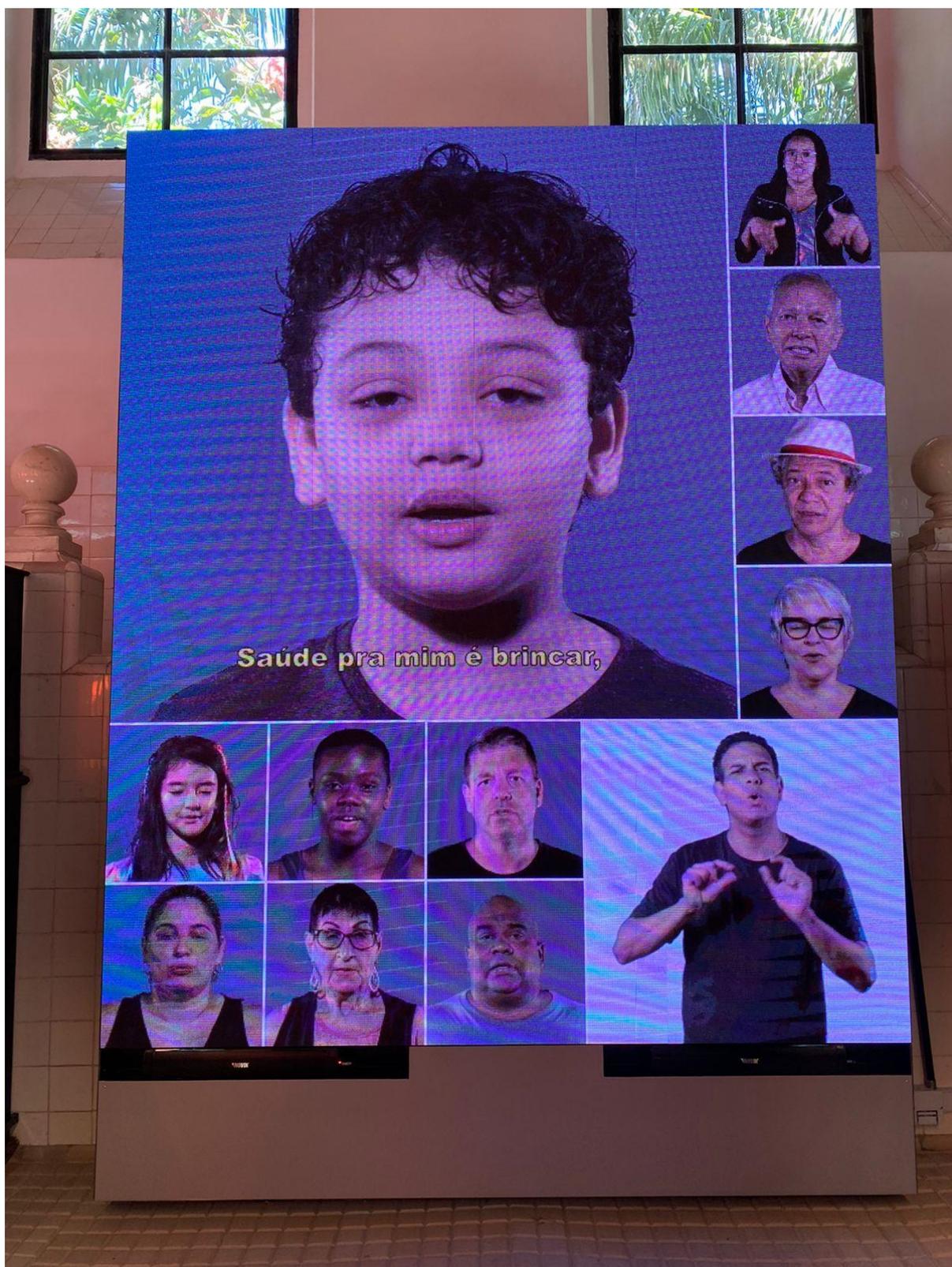
Figura 6 - Bancada de conteúdo acessível



Fonte: Txai dos Santos Costa, 2022

Além disso, os vídeos exibidos por toda a exposição contam com a tradução em Libras em uma janela do vídeo. Ver figura 6.

Figura 7 - Vídeo com janela em Libras



Fonte: Txai dos Santos Costa, 2022

Como durante a semana a visitação é agendada, é possível prever se há pessoas com deficiência no grupo e quantas são. Dependendo assim da

quantidade de pessoas e se são pessoas com deficiência auditiva, o museu, quando há verba disponível, contrata um intérprete de Libras para acompanhar o grupo durante sua visita.

3.4 Acessibilidade para pessoas com deficiência visual

No caso das pessoas com deficiência visual, é preciso prestar atenção nas barreiras físicas que possam apresentar perigo. A Fiocruz implementou o piso podotátil por todo seu campus, todavia, esse piso não chega até a Cavalaria, o que prejudica a autonomia para que deficientes visuais cheguem até sua nova exposição. Seria necessário assim, uma faixa de circulação, com o piso podotátil, para garantir que as pessoas com deficiência visual tenham uma rota acessível até a entrada, como vimos na figura 2.

Apesar das discussões, sobre como adequar a Cavalaria durante suas obras, a instalação de um piso podotátil não foi efetuada dentro do prédio, por determinação do Iphan, que destacou que prejudicaria o piso original do prédio. É possível ver a falta desse piso na figura 3.

No que concerne à dificuldade de aquisição e de interpretação de informação, implica que esta seja realizada através de conteúdos próprios.

A exposição, logo na sua entrada, conta com um mapa tátil de todo o seu espaço de circulação, o que facilita o entendimento do circuito expositivo. Ver figura 7.

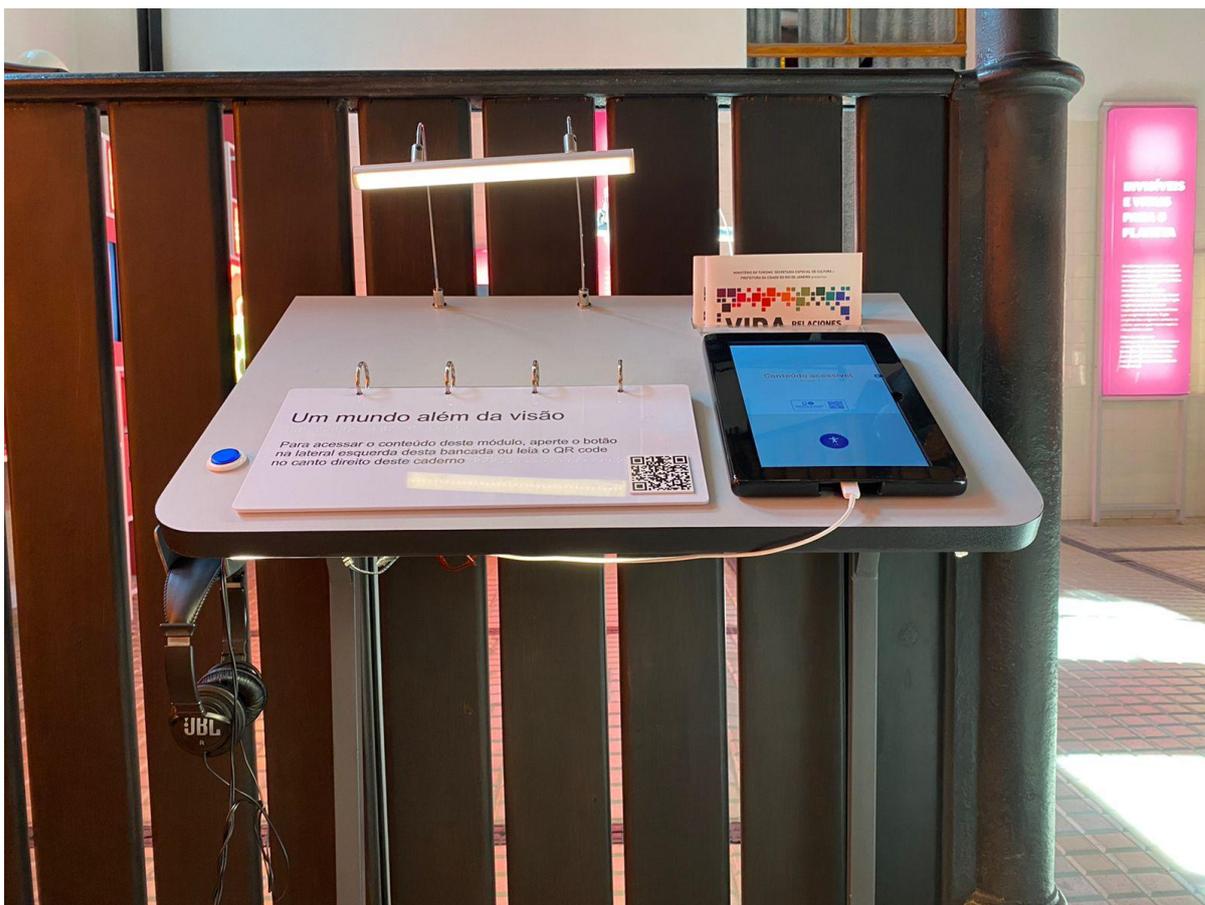
Figura 8 - Mapa tátil



Fonte: Txai dos Santos Costa, 2022

Além disso, nas bancadas de conteúdo acessível, os tablets oferecem a áudio descrição de cada módulo e o conteúdo em braille¹². Ver figura 8.

¹² Braille é um sistema de escrita tátil utilizado por pessoas com deficiência visual.

Figura 9 - Conteúdo acessível

Fonte: Txai dos Santos Costa, 2022

Observamos que o conteúdo fornecido nas bancadas, dispõe de letras muito pequenas e as palavras muito perto umas das outras, o que dificulta a leitura daqueles que têm baixa visão.

A exposição dispõe de diversos elementos táteis que auxiliam e facilitam o entendimento dos objetos descritos. Essas peças além de incluir pessoas com deficiência visual podem trazer um entendimento mais lúdico para as crianças. Ver figura 16.

Figura 10 – Objetos táteis

Fonte: Txai dos Santos Costa, 2022

Infelizmente, a falta do piso podotátil na área de circulação da exposição, impossibilita que ela seja ainda mais acessível. É importante pensar na autonomia das pessoas, e como as ações de acessibilidade permitem que todas possam tê-las.

Seria ainda necessário a instalação de placas de sinalização, que devem seguir a Norma da ABNT 9050:2020. As informações visuais devem seguir premissas de textos, dimensionamento e contraste de cor dos textos e das figuras para que sejam perceptíveis por pessoas com baixa visão. Outro fator importante, que deve ser atendido sempre que possível, é a viabilização de informações sob a forma sonora, orientando as pessoas com deficiência visual.

3.5 Acessibilidade para pessoas com deficiência intelectual

No que diz respeito à acessibilização para pessoas com deficiência intelectual, é preciso fazer uma mudança na forma como o conteúdo expositivo é passado, se é feito de maneira clara e simples. E no caso da Cavalariça, os textos expositivos não são feitos com a escrita simples.

Observamos ainda que a Cavalariça não conta com placas de sinalização ou comunicação adequada. Sobre este aspecto, é recomendável a providência de um sistema de sinalização que facilite a informação sobre os serviços de forma direcional, indicando o percurso dos diferentes elementos. Todo espaço deveria ser identificado com orientações simples e claras que possibilitasse um deslocamento com autonomia por todos.

A sinalização na forma visual deve ser associada a setas indicativas de direção, como por exemplo, nos locais de saída e de entrada. Mesmo que a exposição não tenha uma ordem pré estabelecida a ser seguida para que haja entendimento do conteúdo, sugerir uma rota é essencial para pessoas com deficiência intelectual, que podem se sentir mais confortáveis em saber seus próximos passos.

Além disso, é preciso ter uma acessibilidade atitudinal, não ter um olhar capacitista, parar de olhar apenas para a deficiência das pessoas, e entender que elas têm tantas outras características. Pensar nesse tipo de acessibilidade, é pensar na mediação, no modo como o conteúdo vai ser passado e para quem. Nesse sentido, a pesquisadora Camila Alves traz:

Mediação é encontro, mediação é ampliação de conhecimento, mediação é ir ao encontro do repertório e dos interesses do outro, mediação é o conectar conteúdos e interesses, mediação é ir além dos conteúdos, mediação é aproximar, refletir experiências e compartilhar, mediação é diálogo, conversação, provocação. (ALVES, 2016, p.10)

É necessário enxergar a mediação como um acolhimento, pensando no visitante, conversando com ele, para assim entendê-lo e construir em conjunto a mediação. Possibilitando que ele desfrute cem por cento do seu conteúdo, não importando a maneira que ele faça esse desfrute, mas pensando na importância de todos os indivíduos tirarem algo da experiência que é um museu.

Deste modo, para que todas as pessoas possam exercer o direito de usufruir da cultura, os espaços construídos e os já existentes precisam estar acessíveis a todos. Atender todas essas premissas básicas de acessibilidade significa não apenas possibilitar a autonomia para as pessoas com deficiência, como também promover a acessibilidade para todos os cidadãos.

Considerações Finais

Compreender e aceitar a diversidade humana é o primeiro passo para começar a aplicar o conceito de acessibilidade. A partir disso, instaurar as normas e leis já vigentes, possibilita que todos possam vivenciar um espaço físico, tendo sempre sua autonomia garantida.

A falta de acessibilidade já é um obstáculo cotidiano na vida das pessoas com deficiência, então, poder amenizar esses obstáculos se torna importante para o acolhimento de um público em um espaço que deve ser sempre democratizado, o espaço cultural. Nesse sentido, além das normas e leis, que são muito importantes para proporcionar o acesso à cultura, aos espaços, aos edifícios, às informações e aos serviços, se torna imprescindível a atitude humana para com o outro.

Pensar na acessibilidade além de física, em espaços culturais, é pensar na importância de uma mediação construída por todos e para todos. É pensar que qualquer pessoa pode acrescentar um ponto de vista, uma sugestão ou uma indagação diferente. A mediação não deve ser algo engessado sem possibilidades de mudanças, uma aula prática e nada mais. Deve ser um constante aprendizado, entendendo qual abordagem se faz melhor para cada pessoa e como cada pessoa recebe as informações. Refletir se apenas a transmissão de informação, sem ser moldada para cada necessidade, é suficiente para o acesso à cultura.

No caso estudado, na exposição da Cavalariça, observamos diversos componentes que fazem essa transmissão de informação, mas será que essa informação está realmente chegando pras pessoas que precisam dela. O Museu da Vida é um museu público que precisa passar por diversas burocracias para realizar mudanças em suas estruturas, então é compreensível que mudanças demorem um tempo a mais para chegar. Mas será que por ele ser justamente um museu dentro de uma instituição de grande importância que é a Fiocruz, ele não deveria estar dando exemplos de como construir um espaço realmente acessível para todos?

O museu percebe que não tem um alto índice de visitação de pessoas com deficiência e talvez por isso não seja tão pressionado a realizar efetivamente mudanças. Mas sem o convívio e desafios diários, ele nunca vai

se sentir efetivamente incomodado a fortalecer a acessibilidade nos seus espaços.

Um primeiro passo, seria começar a convidar grupos de pessoas com deficiência para experimentar suas exposições e atividades, sejam esses grupos mistos ou grupos com pessoas com deficiências específicas, mas trazer elas pra dentro do seu espaço e ouvir o que elas têm a propor para tornar a experiência do Museu da Vida mais prazerosa para elas.

Analisando como um todo assim, torna-se essencial tanto as pessoas que projetam esses espaços na escala arquitetônica, no sentido de conhecer, informar e de atender a esta legislação, quanto de pessoas que recepcionam e lidam com o público que ele irá receber, para que assim espaços culturais possam se constituir em locais de interação de pessoas em sua diversidade de condições. Levar em consideração as limitações, capacidades e necessidades de todos os indivíduos na hora do planejamento e construção de um espaço, é possibilitar que ele seja reconhecido como um espaço acessível. A partir desse espaço acessível então, é possível proporcionar um ambiente fértil para o surgimento de novas formas de sociabilidade e cultura.

Referências

ALVES, Camila. **E se experimentássemos mais? Um manual não técnico de acessibilidade em espaços culturais.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, p. 89, 2016.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050:2020.** Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Edição, Rio de Janeiro, 2020

BAUER, Jonei. Museu, museologia e museografia. **Tríscele.** Disponível em: <<https://www.triscele.com.br/triscele/museu-museologia-e-museografia>>. Acesso em: 20 de maio de 2022.

BEVILAQUA, Diego; RAMALHO, Marina; ALCANTARA, Rita; COSTA, Tereza (org). **Museu da Vida: ciência e arte em mangueiras.** Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz, 2017.

BOTELHO, Isaura. **Dimensões da Cultura e Políticas Públicas.** São Paulo Perspec., São Paulo , v. 15, n. 2, p. 73-83, Abr. 2001.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**, Brasília, DF, jul 2015.

Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2007). **Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência.** Vitória: Ministério Público do Trabalho, Projeto PCD Legal, 2014.

Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948). Disponível em: <<https://declaracao1948.com.br/declaracao-universal/declaracao-direitos-humanos/>>. Acesso em: 27 de maio de 2022.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

MANO, Sônia; Damico, José; GOUVEIA, Fábio; GUIMARÃES, Vanessa. **O Público do Museu da Vida (1999 a 2013)**. 1. Ed. Rio de Janeiro, 2015.

MARCO, Victor. **Capacitismo: o mito da capacidade**. Belo Horizonte: Letramento, 2020.

MUSEU DA VIDA. **Plano Museológico Museu da Vida 2017 – 2021**. Rio de Janeiro, 2017.

OLIVINDO, Mário. **Ensino de história e memória: usos do passado e os desafios do historiador e do professor**. In: XXIX Simpósio Nacional de História- contra os preconceitos: história e democracia, 2017, Brasília. Anais do XXIX Simpósio Nacional de História, Brasília, 2017, p 01-14.

PESSOAS com Deficiência. **IBGE Educa Jovens**. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/20551-pessoas-com-deficiencia.html>>. Acesso em: 17 de out de 2020.

RODINI, Elizabeth. Uma breve história do museu de arte. **Khan Academy**. Disponível em:<<https://pt.khanacademy.org/humanities/approaches-to-art-history/tools-for-understanding-museums/museums-in-history/a/a-brief-history-of-the-art-museum-edit>>. Acesso em: 18 de maio de 2022.

SILVA, Laiz de Almeida da. **Acessibilidade em Museus e Espaços Culturais: estudo técnico sobre a edificação que irá abrigar a Fundação Hansen Bahia, na cidade de Cachoeira – BA**. Monografia (Graduação em Museologia) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cachoeira, p.87, 2010.

APÊNDICE A - ENTREVISTA COM FUNCIONÁRIA DO MUSEU DA VIDA

Entrevistado(a): Ana Aparecida Costadella

Data: 03/07/2022

Local: Plataforma Zoom

Txai: Então a primeira pergunta é: como o museu se prepara para as visitas de pessoas com deficiência?

Ana: É, oi Txai, assim, o museu, ele tem um gt de acessibilidade, um grupo de trabalho de acessibilidade. Então os agendamentos, eles são feitos da seguinte forma: quando um grupo entra em contato com o museu, seja escolar, corporativo, para fazer um agendamento, nós sempre perguntamos se no grupo têm pessoas com deficiência. Aí, quando a pessoa responde e esse quantitativo é até cinco pessoas, nós fazemos o agendamento normalmente, é, e damos prosseguimento. A partir de seis pessoas, por exemplo, o grupo tem trinta, e somente cinco têm deficiência, a gente vai fazer o agendamento e vai entrar na grade normal. A partir de seis pessoas, nós pegamos os dados, tipo escola, endereço, telefone, email, os dados do grupo, tipo de deficiência, faixa etária e encaminhamos todos esses dados para a responsável do gt de acessibilidade. E aí, vai ser alguém, um profissional que esteja no gt de acessibilidade, que vai entrar em contato com o responsável do grupo e em conjunto vão verificar qual a melhor atividade para ser desenvolvida pelo grupo no museu. Eles vão tentar levar pra alguma, por exemplo, uma exposição que tenha, o museu não é cem por cento acessível né, tá longe disso, mas aí vão tentar indicar as atividades, porque cada grupo pode fazer duas atividades no museu, aí vai ser indicada né, as duas atividades mais adequadas para o grupo, e uma pessoa do gt de acessibilidade no dia vai acompanhar o grupo.

Txai: Quais as medidas são tomadas para a preparação da equipe para receber pessoas com deficiência?

Ana: Aí isso é específico né. Eu até faço parte agora do gt de acessibilidade, devido às demandas do meu próprio setor não tenho conseguido participar de todas as reuniões, mas eu sei que a coordenadora do gt, a Hilda, ela tem um trabalho, principalmente de conscientização, principalmente com relação à acessibilidade atitudinal. e aí, as pessoas que acompanham no grupo, por exemplo, elas já estão mais familiarizadas até mesmo, por exemplo, a exposição rios em movimento, tem alguns itens com acessibilidade, então essa pessoa já é mais familiarizada com o que tá nessa exposição, com essa atividade que foi indicada. e aí ela acompanha o grupo.

Txai: Como são discutidas mudanças que precisam ser feitas? E se têm pessoas com deficiência envolvidas nessa discussão.

Ana: É, as discussões né, são feitas em conjunto pelo gt de acessibilidade, eu sei que a Fiocruz também tem um fórum de acessibilidade, um comitê de acessibilidade. A Hilda participa desse comitê de acessibilidade. A Hilda é a chefe do setor de formação, é a pessoa mais envolvida com as questões sobre acessibilidade no museu da vida. Aí é discutido e levado pro chefe do museu. E aí é verificado o que pode ser implementado ou não, porque sempre, e agora principalmente né, tem as questões relacionadas com os recursos né, orçamentários e financeiros. Principalmente agora nesse momento que a gente

tá vivendo né. Então ver o que pode ser implementado e o que não pode ser implementado.

Txai: E tem pessoas com deficiência nessas discussões?

Ana: No grupo agora da Hilda eu sei que tem um consultor cego, que participa né. Não sei qual o envolvimento dele. Agora no Museu da Vida, não participando ativamente, mas antes da pandemia, nós já tivemos duas estagiárias surdas, mas acho também que elas não estavam envolvidas, elas até desenvolveram um trabalho durante o período de home office, fizeram algumas lives, pro museu. Mas também o contrato delas terminou e aí foi isso, eu não sei daqui pra frente como é que vai ser. Mas elas também não estavam exatamente envolvidas né, nesse processo.

Txai: O museu tem alguma verba direcionada especialmente para atender pessoas com deficiência? Seja para fazer reformas estruturais ou para treinamento de equipe

Ana: Eu acho assim, o Museu da Vida específico não, porque o museu na verdade é um departamento de uma unidade. Tem a Fiocruz, a Fiocruz é dividida em diversas unidades, né. Então no caso tem por exemplo, biomanguinhos, que faz as vacinas, farmanguinhos, os medicamentos, a ENSP, que é a Escola Nacional de Saúde Pública, o INCQS, e tem a COC que é a Casa de Oswaldo Cruz. E todas essas unidades são divididas em diversos departamentos, e no caso o museu é apenas um departamento da Casa de Oswaldo Cruz. Então eu acredito, por exemplo, a Fiocruz deve ter uma verba direcionada pra questões relacionadas a acessibilidade, até porque recentemente teve uma obra que finalizou que colocaram piso podotátil em todo o campus da Fiocruz né, pelo menos em grande parte dele, então isso com certeza veio uma verba direcionada pra isso. E aí, na verdade o orçamento ele é dividido entre essas unidades, e aí no caso vem pra COC, que é a Casa de Oswaldo Cruz, e depois pro Museu da Vida, e aí é feita, não sei, como eu não participo exatamente né, é mais pra quem tá na gestão né, tipo chefe do departamento ou pra quem é da área administrativa. E deve ter algum dinheiro, mas ele não vem carimbado, tipo assim, acessibilidade. Do dinheiro que tem, por exemplo, a seção de formação pro educativo, eles deixam uma parte até mesmo pra contratar por exemplo um tradutor né, pra fazer janela de Libras, desse dinheiro eles tiram uma parte pra essas questões, mas ele não vem carimbado, acredito que não venha carimbado. Porque quando vem carimbado você só pode usar pra isso, que eu acho que é a sua questão né. Então acho no caso do museu não, aquele orçamento que vem eles fazem uma divisão entre os setores, entre as seções do museu né, e aí eu sei que sempre deixam. E aí sempre assim, quando tem corte, sabe que corta alguma coisa. Eu acho que esse ano teve corte, teve corte em tudo né, e eu acho que teve corte também com relação a quantidade de profissionais contratados pra fazer audiodescrição, intérprete de Libras. Eu acho que ficou lá, no orçamento ficou uma quantia pra isso mas houve uma redução.

Txai: Como o museu lida com a acessibilidade de prédios tombados?

Ana: Isso é uma questão complicada. Por exemplo, o Museu da Vida, tem os prédios históricos e tem os prédios que não são históricos. Os prédios que não são históricos, tipo a pirâmide, o salão de exposição temporária, o parque da

ciência, a parte externa né, o epidauro, o borboletário, isso é de responsabilidade direta do museu. Todos os prédios históricos, castelo, a torre do relógio e a cavaleriça são de responsabilidade do DPH, Departamento do Patrimônio Histórico, da COC, Casa de Oswaldo Cruz. Então qualquer modificação, qualquer coisa tem que passar por eles né. E aí tem aquela questão que às vezes eles são meio irredutíveis, mas o que falta é avaliar, antes de você negar você em que verificar, ter o consenso de verificar se aquela mudança pode ser. Realmente vão ter algumas mudanças que vão ter um impacto, porque eles precisam preservar as características originais do prédio, então vai ter um impacto. Tem mudanças que não podem ser feitas, mas eu acho que deveria ter uma maior abertura pra discussão, pra avaliar o que pode ser feito pra facilitar. E assim, essa semana mesmo, a Cavaleriça, que é um prédio histórico, ficou dois dias fechada por causa de uma fechadura. Deu problema na fechadura de uma porta, e só ia ficar uma aberta, e o coordenador do educativo, ele achou melhor manter fechada, porque pode ter um incêndio alguma coisa, só ia ter uma porta de saída, e a outra porta na verdade, foi comunicado ao DPH, porque a fechadura era de 1920, então uma fechadura histórica, então eles que teriam que vir e verificar a fechadura, ver o melhor chaveiro, pra não ter nenhuma alteração na fechadura. Então tem essas questões, que realmente é complicado né.

Txai: Então acaba não sendo responsabilidade do museu os prédios tombados, é responsabilidade as exposições que o museu monta lá né. Mas o prédio em si não é responsabilidade do museu.

Ana: Isso, exatamente. A exposição que está dentro lá, por exemplo, na Cavaleriça agora tem a exposição “Vida e Saúde: relações invisíveis”. Tudo que acontece na exposição, no equipamento da exposição sim é do museu, mas o prédio não, por ser tombado é do DPH.

Txai: Serão feitas mudanças pra acessibilizar as exposições fixas?

Ana: É assim, com relação as que já existem, por exemplo a pirâmide, o parque, ao retorno do parque teve o piso podotátil mas foi uma obra da Fiocruz. Mas as novas exposições, por exemplo, tem agora a exposição da Cavaleriça, eu sei que ela já foi desenvolvida com alguns itens de acessibilidade. Tem vídeos em Libras, a altura dos equipamentos foi pensada para que os cadeirantes tenham acesso né, foi feita uma pesquisa quanto a altura adequada, tem textos em braille, audiodescrição. Então essa nova exposição que ta na Cavaleriça agora ela já foi pensada com acessibilidade. Ela foi feita com recursos do BNDES, ela inaugurou agra em junho, então ela já foi concebida, vai ficar fixa né, até porque teve é, foram valores altos envolvidos, teve uma obra primeiro de restauração do prédio, e a exposição também. Ela é uma exposição interativa, tem recursos de tecnologia, então ela foi uma exposição cara, e ela foi pensada pra ser fixa, tipo ficar uns dez anos. E aí ela já foi concebida, a gente não pode dizer que é cem por cento, até porque é um predio histórico, mas já foi pensada com esses itens né que eu falei agora que já foram considerados, então ela já foi formulada assim. E tem a rios em movimento, só que essa é temporária. Antes da pandemia ela estreou, só que aí acho que ela só ficou uns três meses e aí veio a pandemia. Mas ela já foi pensada por exemplo os quadros, eles tem maquetes táteis, tem aquela canetas pentop, que no caso o visitante aponta pro quadro e aí tem

audiodescrição daquele quadro, só que ela não é fixa, ela vai ficar um período e depois termina. Mas assim, acho até as que não são fixas, elas já vão ser concebidas, daqui pra frente, pensando em incluir alguns recursos de tecnologia assistiva. E no castelo eu sei que vão modificar, porque o castelo está em obra, e tem exposições em duas salas. Eu sei que vai ter uma modificação, tem um grupo lá reunido e aí eu acho que eles já vão propor pra que essa exposição, que a ideia é que fique fixa, já vai entrar com recursos de tecnologia assistiva também.

Txai: Quais aspectos de acessibilidade já estão e são presentes no museu?

Ana: Tem o piso podotátil, que foi da Fiocruz, mas é lógico que contribui, porque aí o acesso pelo campus da Fiocruz, pras pessoas com deficiência. Tem uma questão, por exemplo, quando é até cinco pessoas que a gente recebe, nó contamos, só que é emprestado, a COGIC tem um carrinho para cadeirantes e no caso a gente entra em contato com a COGIC e aí ela encaminha o carrinho quando chega um visitante com cadeira de rodas pra que ele possa se locomover. Por exemplo, o castelo, o castelo fica no alto de uma ladeira, então esse carrinho leva até lá. Só que o ideal é que o museu tivesse o seu próprio carrinho, porque quando o carrinho tá emprestado pra outra pessoa o visitante tem que aguardar a liberação do carrinho pra que possa buscá-lo para levá-lo até o espaço do museu que ele deseja visitar. E aí já tem as novas exposições, tipo essa da cavalaria, já tem audiodescrição, tem vídeos em Libras, de textos em braille. Então assim, já tá tendo uma melhora né. E o castelo quando retornar da obra eles também vão incluir. E tem um sistema de agendamento que está sendo desenvolvido, a gente não sabe quando isso vai chegar, que também vão tentar incluir recursos de tecnologia assistiva. Porque hoje por exemplo, se um surdo quer fazer um agendamento, é por telefone ou por email. Por email ele pode até, caso ele conheça a língua portuguesa, ele pode até escrever, mas por telefone né, fica complicado. Então não tem um sistema que atenda, aliás o sistema vai até contribuir pra todo mundo de uma forma geral, pra que todos tenham maior acesso ao agendamento do museu. E esse sistema que será desenvolvido, tende a incluir recursos de tecnologia assistiva, a gente não sabe quando né, se realmente, mas na concepção dele isso está previsto. Na época da pandemia que produziam lives e vídeos né, esses vídeos já contaram com legendas, audiodescrição, janela em libras, isso durante a pandemia né, e que foram divulgados no site, foram feitos no YouTube, já contou com esses recursos de tecnologia assistiva. E tem o curso de Libras, esqueci agora de falar, ele não é bem um curso de Libras assim cem por cento, porque eu acho que ele tem um foco muito mais também no caso da acessibilidade atitudinal, porque o professor fala muito sobre isso, então acho que ele tem mais essa questão. Até porque é um curso online, uma vez por semana, mas que já também um começo pra que os profissionais do museu, e também é ofertado pra profissionais de outras unidades da Fiocruz, tenham contato com a língua brasileira de sinais e isso já alguma coisa assim, já é uma contribuição pra que não só o museu mas a Fiocruz se torne mais acessível.

Txai: Como é feita a comunicação com o público?

Ana: No caso é com o público em geral ou público específico de pessoas com deficiência?

Txai: Pode falar dos dois.

Ana: Em geral a comunicação tem o site do Museu da Vida e também agora nós temos o núcleo de mídias, e o núcleo de mídias é que é responsável pela comunicação, então ele é que coloca vários posts nas redes sociais, no instagram, no facebook, no youtube. Então esse núcleo de mídias que faz essa divulgação. Especificamente para pessoas com deficiência, não é feita uma divulgação ampla, até mesmo porque nós não temos condições de atender a esse público. No momento a gente tá até funcionando de forma parcial, com alguns espaços fechados. A coordenadora do setor de formação, que é a Hilda, que ela participa né, do comitê gestor da Fiocruz de acessibilidade e também que é a coordenadora do GT de acessibilidade da Fiocruz, ela faz uma divulgação junto, mas aí é direto com elas, com os professores. Antes da pandemia tinha um encontro de professores, e aí ela divulgava que algumas das nossas atividades tinham alguns recursos de acessibilidade. Mas não é feita uma ampla divulgação, até exatamente porque não teríamos condições de atender um público muito grande. Aí bate naquela questão que quando entram em contato até cinco a gente agenda, no caso a área de agendamento e acolhimento, faz o agendamento e a partir de seis pessoas e encaminhado para esse gt de acessibilidade, que aí vai entrar em contato com um responsável para indicar um melhor dia e horários e as melhores atividade, as atividades mais adequadas para o grupo de acordo com o tipo de deficiência.

Txai: O museu tem funcionários com deficiência? Se sim, como que é feita essa integração?

Ana: Antes da pandemia nós tivemos duas estagiárias surdas, mas eu não visualizei nenhum trabalho de integração. Talvez com quem tivesse mais próximo a elas, elas trabalhavam acho que no SAGIM, que é o setor que cuida da administração, da parte de manutenção do museu e da parte administrativa. Então na época que elas atuavam eu não vi uma grande integração. Agora eu sei que tem esse consultor cego, mas acho que ele fica mais até ainda em home office, que faz parte, é uma contratação do grupo do GT de acessibilidade. Então assim, não há, não vejo também, por exemplo, nem o conheço né, então uma integração com os demais. Eu sei que o museu tem, eu não sei qual o vínculo dele né, tem um funcionário que é serudo, servidor não é, não sei se é terceirizado ou MEI, mas também não vejo essa integração. As vezes quando chega, que ele está lá na recepção, ou na copa, aí agora que eu também estou no curso de Libras, aí eu pergunto se tá tudo bem né, mas não visualizo uma integração né. E eu acho que agora ele é o único que tá lá, que assim eu vejo de vez em quando de forma presencial, mas eu não vejo esse trabalho de integração, até mesmo porque são poucos né. Assim, agora eu só visualizo esse e tem esse consultor cego, que eu também não sei qual é o tipo de contrato, não tenho acesso. E no passado tiveram essas duas estagiárias mas eu também não vi um trabalho de integração delas com todos os setores do museu.

Txai: Como que o museu lida com a acessibilidade do acesso ao museu, de conseguir chegar ao museu.

Ana: Você diz o acesso externo né, da porta da Fiocruz pra fora né?

Txai: Isso.

Ana: Eu acho que não lida muito bem né, porque até agora eu não vi nenhum direcionamento pra isso. Porque assim, o Museu da Vida, tudo bem que ali, tá

na Avenida Brasil e passa muito ônibus, mas além da questão de acessibilidade, tem as questões em torno da Fiocruz né. Que a Fiocruz ela é cercada né, por diversas comunidades né, então assim, nós também, além disso tem a questão dos tiroteios né, de operações policiais no entorno e não vejo até mesmo no site, com relação a ter alguma informação específica para as pessoas com deficiência de como elas podem chegar a Fiocruz. Eu acho que não há nem de forma geral né, dizendo. E acho que a localização também do museu tem isso, porque na Avenida Brasil tem muito ônibus, mas por exemplo, não é como lá um museu que fica no centro da cidade, que você chega de ônibus, vlt, metro, então assim, to falando de forma geral também né, tem museus que tem uma acessibilidade maior. E acho que até no centro da cidade, que dizer, o Rio de Janeiro inteiro não é acessível né, as ruas, as passarelas, seja o que for. Agora até tá tendo uma melhora. Por exemplo, um museu que fique no centro da cidade, eu acho que no entorno ele conta com, mesmo que sejam poucos, mas tem uma rampa pra descer, o metrô tem o elevador, a plataforma e isso alí no entorno da Fiocruz não tem. E relatando, tem uma questão também, entrando no campus da Fiocruz, agora tem o piso podotátil, mas uma coisa que falta, por exemplo, isso é uma questão interna, tem os tiroteios, as operações policiais, nós escutamos os tiros, mas que é surdo não. Então teria que ver também como, e a Fiocruz tem um grande quantitativo de trabalhadores surdos no campus, então teria que ser pensado também essas questões de forma interna, de sinalização, segurança, de uma forma geral, tanto pro público de pessoas com deficiência quanto para o público em geral.

Txai: Como são contemplados os diferentes tipos de deficiência na acessibilidade do museu? Existem diferentes ações para cada uma?

Ana: Assim, como eu não participo ativamente do grupo que é responsável por recepcionar as pessoas com deficiência, que a gente no caso lá, a gente encaminha, a gente pega os dados, no núcleo de desenvolvimento e público que é o setor que eu atuo, que é o setor responsável, entre outras atividades, pelo acolhimento e pelo agendamento e a gente encaminha. Até cinco pessoas nós atendemos e aí se é um cadeirante nós entramos em contato com a COGIC pra solicitar o carrinho, se é alguém com TDAH, por exemplo, a gente acompanha o grupo, tenta dar uma acessibilidade mais atitudinal até. Agora o gt de acessibilidade, quando ele entra em contato com o grupo, eu sei que eles consideram o tipo de deficiência, só que eles também têm restrições quanto ao que é ofertado pelo museu. Por exemplo, agora praticamente aberto só vai ter a exposição "Vida e Saúde: relações invisíveis" da Cavaliça, que eu já falei né, os recursos que ela conta e agora tá retornando, retornou no dia primeiro de julho a exposição "Rios em movimento" que também conta com esses recursos, então praticamente eles só vão ter essas duas atividades pra ofertar pro grupo. Antes da pandemia, algumas apresentações das peças teatrais contemplavam, assim, ocorriam em datas específicas, mas contemplavam tradução em Libras, mas agora não tá ocorrendo ainda, ainda não retornou e então as peças estão acontecendo sem esse tipo de recurso. E também não tá tendo até agora, o museu foi aberto, mas pra pessoas com deficiência, o gt de acessibilidade não está nem mesmo atuando né, vai voltar a atuar agora a partir do segundo semestre, mas até agora não recebemos nenhum grupo grande, foram até aquele quantitativo de cinco pessoas. Tem uma professora

do INES que quer fazer um agendamento, já entrou em contato, aí já foi passado pro gt de acessibilidade e eles vão agendar a partir do segundo semestre. Então eles também tem essa restrição quanto às atividades que são ofertadas, hoje tem essas duas opções, a exposição da cavaliça e a “Rios em movimento”, e aí eles levam em consideração o tipo de deficiência, até mesmo indicando quem irá acompanhar o grupo, mas bate no que pode ser ofertado, porque às vezes não tem nada além disso.

Txai: Você acha que depois do gt de acessibilidade tiveram mudanças? Assim, significativas, depois da criação desse gt no museu.

Ana: Eu tenho pouco tempo no gt de acessibilidade né, mas ele foi criado bem antes da pandemia. Eu acho que de forma geral teve, porque antes as exposições não eram pensadas né. Porque eu lembro que no Museu da Vida eu entrei no meio de 2018, acho que final de junho de 2018, aí eu fiquei um ano e meio, aí entrou em pandemia, ele fechou, ficou em home office, e estou retornando agora, mas na Fiocruz eu entrei em 2002. Então assim, às vezes você passava, eu entrava ali no salão de exposição no horário de almoço pra ver a exposição que estava disponível né, e via que as exposições não tinham recursos de tecnologia assistiva. E depois, porque esse gt já foi criado a algum tempo, eu to acho que desde 2020, foi quando veio a pandemia que eu comecei a participar, não participo de todas as reuniões, mas quando tava no home office sim, mas agora com o retorno do trabalho presencial, porque aí a gente tem nossas atividades não dá pra conciliar tudo. Então é, por exemplo, a exposição da Cavaliça já ser concebida, e antes de ser inaugurada já se pensando em incluir recursos de tecnologia assistiva, inclusive sendo pensada a altura dos equipamentos que tem interação, já pensando numa altura adequada pra quem é cadeirante, incluir vídeos em libras, texto em braile, então isso já é um avanço, e ela já foi pensada com a inclusão desse itens. A própria “Rios em movimento” também, ela foi feita com o museu em parceria com uma empresa, mas também já incluiu, até as canetas pentop, que não tinham em outras exposições né, foi um plus a mais, que aí a pessoa aponta e escuta a audiodescrição dos quadros, tem as maquetes táteis de alguns quadros, não de todos, mas de alguns quadros. Então eu acho que teve, são avanços pequenos, o próprio curso de libras que está sendo ofertado pros funcionários do museu e também pra outras unidades da Fiocruz, também acho que já é uma conquista. Então acho que teve sim alguns avanços. Às vezes esbarra também na questão de recursos orçamentários, nessas questões.